

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.ºs 3 e 4

SUMMARIO — Discurso do sr. Adães Bermudes — Fr. Braz de Barros, ou de Braga; documento para a historia da Sé de Leiria, pelo sr. Sousa Viterbo — Sé de Vizeu, a abobada de nós, as columnas, pelo sr. Almeida e Silva — Antiguidades de Bensafrim — Sé velha de Coimbra — Museu archeologico de Nova Goa — Leis da Rumania sobre achados archeologicos e conservação dos monumentos publicos — Restos mortaes de Vasco da Gama — A torre de menagem de Beja — Antiguidades de Alcainça, pelo sr. Valdez — Construcções economicas — O museu social — Milagres de Santo Antonio contados n'um antigo manuscripto portuguez — Lampada e capella de Santo Antonio. — Santo Antonio de Lisboa, fac-simile de gravura antiga. — Fragões de S. Pedro de valle de Nogueiras, por G. Pereira — Torre dos Coelheiros, por G. Pereira — Ruinas na Zambezia, por G. Pereira — As antiguidades de Monomotapa nos antigos escriptores portuguezes — Noticias archeologicas, compilação pelo sr. Rocha Dias — Correspondencia — Extractos das actas.

DISCURSO DO SR. ADÃES BERMUDES NA SESSÃO
DE 24 DE MARÇO DE 1895

Meus senhores. — Cumpre-me agradecer penhoradissimo a honra que esta associação me fez, recebendo-me no seu gremio.

Não foi, comtudo, o vão desejo de honrarias — que não mereço nem cubiço —, que me levou a solicitar a minha admissão n'esta benemerita sociedade.

Foi antes a convicção de que é urgente e indispensavel reunir todas as boas vontades n'um commum e desinteressado esforço pelo progresso e prosperidade da patria, que, n'este angustioso momento historico, n'este periodo de transição, tendo attingido o limite d'uma *phase critica*, erra, como nau desarvorada, n'um mar de egoismo, de discórdia e de descrença, perdida essa poderosa bussola que se chama o sentimento colectivo, sem poder encontrar a *corrente evolutiva*, a corrente salvadora, que a conduza a uma nova *phase organica*, a uma nova época de civilisação.

É por isso que eu venho. — humilde recruta —, alistar-me na nobre cruzada que ha trinta annos esta associação emprehendeu em favor da arte, da sciencia e do paiz.

São muitos e relevantes os serviços que esta as-

sociação tem prestado, quer classificando e defendendo os monumentos nacionaes, quer fundando o seu museu archeologico, reunindo n'elle muitos dos elementos dispersos, que constituem o nosso patrimonio artistico e historico, que se estava perdendo, quer obstando a numerosos vandalismos, quer tomando parte nos congressos estrangeiros e honrando, ahi, o nome portuguez, quer fundando um centro onde os architectos nacionaes podessem defender os interesses da sua classe, quer fazendo dos seus «boletins» um importante agente de educação e de propaganda artistica e um vasto repositorio de conhecimentos uleis.

Mas, se esta associação muito tem feito, muito mais lhe resta ainda fazer.

Para cumprir a sua nobilissima missão e satisfazer ás necessidades do paiz, esta sociedade tem de occupar-se activa e desveladamente do ensino da architectura em Portugal, dos monumentos nacionaes, da esthetica e da hygiene das nossas cidades, dos concursos publicos, do provimento dos logares de architectos do estado, da legislação dos edificios, das prerogativas e direitos dos architectos e da consideração official e publica que lhes é devida.

A indifferença transcendente, a que é votada a architectura em Portugal, é uma prova tristissima,

mas eloquente, do profundo atrazo em que o paiz se encontra.

Que dirieis vós d'um paiz que fizesse cultivar as suas vinhas, semear os seus campos, talhar os seus pomares por agricultores de occasião, que não conhecessem, nem de perto nem de longe, as necessidades da terra e os segredos das estações?

Pois é isso o que se está passando com a architectura em Portugal; e, no entanto, é a propriedade edificada que, juntamente com a terra, constitue a riqueza immobiliaria d'uma nação!

Eu já não invoco o respeito que a architectura devia merecer pela sua alta missão de escrever em paginas eternas a historia dos povos; porque, infelizmente, um povo que está dando um tão lamentavel exemplo de decadencia moral, não necessita de cantor que lhe celebre os feitos.

Reconheçamos, porém, que isto resulta da indifferença, da passividade; isto é, da cumplicidade de todos, e resgatemo-nos da parte de responsabilidade que nos possa incumbir, encetando desde já o bom combate pelo engrandecimento da patria.

Foi essa aspiração que me trouxe a esta sociedade; e, venho a ella com inteira fé, porque, talvez por uma idiosincrasia de artista, ao vê-la installada n'estas pobrissimas ruínas da antiga igreja do Carmo, que ella conquistou á hera e ás corujas, e reunida sob estas descarnadas abobadas que resumbram a agua dos céus, me lembro dos primeiros christãos, que se reuniam nas ruínas de Roma e se occultavam nas catacumbas para propagar a sua crença e celebrar o seu culto, e que das trevas d'essas catacumbas sahiu a luz que devia illuminar o mundo!

Meus senhores. — Para o desenvolvimento da architectura n'um paiz, tres coisas são indispensaveis: em primeiro lugar, um accordo sobre os principios fundamentaes da vida collectiva ou social, de modo que o fim da acção commum seja nitidamente definido e que haja communhão de idéas religiosas, politicas e sociaes que o artista possa traduzir, condensar, crystallizar em uma nova fôrma architectural.

Em segundo lugar um ensino solido, integral e livre, baseado não em uma tradição, mas em todas as tradições e em principios rigorosamente scientificos, e tendo em vista não só o desenvolvimento da technica do individuo, mas, sobretudo, o desenvolvimento das suas faculdades estheticas ou emotivas, das suas faculdades imaginativas e das suas aptidões creadoras.

Em terceiro lugar a recompensa moral e material, garantida ao exercicio da profissão, pela consideração do publico e pela protecção do estado.

Examinemos agora rapidamente, como é que a

nossa época e o nosso meio satisfazem a essas condições.

Quanto á primeira parte, nem vale a pena fallar. Outras nações mais avançadas no novo *periodo evolutivo* não conseguiram ainda, desde isso que em arte se chama «renascimento» e em religião se chama «reforma», alcançar a homogeneidade de idéas e a coordenação de esforços a que me referi.

Relativamente á segunda, lembrarei que ha apenas uma escola de architectos em todo o paiz, que é a escola de bellas-artes de Lisboa.

E succede ainda, infelizmente, que, n'essa escola, — além de que a organização do seu ensino deixa a desejar, — a provada competencia dos professores fica inutil e os seus dedicados esforços mallogrados, porque a clientella escolar não afflue.

A clientella escolar não afflue, porque a obrigam a dez annos de estudos especiaes, findos os quaes se lhe dá o direito de... morrer de fome.

Porque o estado, — e, assim, respondemos á terceira questão, — fecha-lhe inexoravelmente todas as portas; e, sendo até obrigado pela lei a ter um corpo de architectos, recruta esse corpo entre individuos geralmente estranhos á architectura, salvo rarrissimas excepções!

E pobre do alumno que, findo o seu curso, postula um logar d'esses. É irremediavelmente preterido em proveito d'um «amador» favorecido, ou d'um alumno de escola de cathegoria inferior e de especialidade differente d'aquella de que se trata. Refiro-me ao instituto industrial.

O resultado d'isto é que, o estado não tendo, por não querer, um corpo de architectos competentes, vê-se obrigado a recorrer, a cada passo, a architectos estrangeiros, e ainda n'este momento se litiga na Procuradoria geral da corôa, a questão levantada por um d'estes architectos, que pede 9:500\$000 réis pelo projecto d'uma pequena escola supprimida por lei logo depois de se lhe ter encomendado o projecto.

O particular segue, naturalmente, o exemplo do estado, e chama para o seu serviço mestres de obras ou engenheiros, como se uns e outros entendessem d'esta difficilima arte, que demanda tão longos estudos e faculdades tão especiaes!

E quando se não dirige a mestres d'obras ou engenheiros, que nenhuma garantia offerecem de capacidade profissional, recorre então a architectos estrangeiros, esses architectos que vieram para as nossas escolas industriaes — como se para alguma coisa fossem lá precisos — e a quem o estado prohibia leccionações particulares, mostrando assim que elles vinham para se occupar exclusivamente das escolas; que não encontram tempo, no meio das suas occupações officiaes, largamente remuneradas, para fornecer gratuitamente ao estado um

pequeno projecto de edificação escolar; mas que tem todo o tempo para fazer uma larga concorrência aos architectos nacionaes.

Não é, porém, d'esta concorrência que eu me queixo; o que eu lamento é que, devido a essa importação inintelligente e anti-patriótica de architectos estrangeiros em todos os tempos, tenha sido constantemente abastardada a nossa arte que, por esse motivo, nunca chegou a completar uma evolução, a fundir-se n'uma perfeita unidade esthetica, sem a qual não ha arte nem estylo possiveis.

O que acabo de expor resume o estado da architectura em Portugal, e deixa ver o que a esta Sociedade incumbe fazer para modificar este intoleravel estado de coisas.

No que diz respeito aos monumentos nacionaes, uma das poucas coisas que nos restavam do riquissimo patrimonio que nos deixaram os nossos gloriosos antepassados, apesar da lucta pertinaz que esta Sociedade travou em seu favor, tem sido profanados por quantos conductores de estradas, por quantos leigos nacionaes ou exoticos têm apparecido; isto no que diz respeito aos principaes, por quanto os outros só tem soffrido da incuria e do desprezo das repartições officiaes, incuria e desprezo que são bem mais inoffensivos do que a pretençiosa ignorancia dos «*ronds de cuir*» que as infestam.

Quanto á esthetica das nossas cidades, tão bellas que até Deus lhes poz mirantes para que os homens podessem gosar as vistas, — como deliciosamente escreveu o sr. Gabriel Pereira, — quem não tem visto, com indignação e desespero, as melhores avenidas, os mais bellos logares infamados por essas construcções d'uma banalidade cretina, exasperadora, inverosimil!

Quem não tem reparado desoladamente que as cidades se vão fazendo, desfazendo e refazendo sem plano, sem nexo, ao sabor das exigencias politicas e ao arbitrio dos *mandões* municipaes, perante os quaes a auctoridade do compadre e do influente politico supplantam não só a auctoridade do architecto, mas a de quantos architectos possam existir.

Quanto á hygiene das mesmas, vejam-se essas sordidas agglomerações de habitações operarias, chamadas «ilhas» ou «pateos», onde perpetua e amorosamente se cultivam todos os germens pathogenicos, desde a tuberculose até ao typhus. Dê-se um passeio pelas cidades de provincia onde as fêzes se vehiculam pelo meio da rua, á luz do sol!

Relativamente aos concursos publicos, todos sabem que os artistas que se respeitam deixam já de concorrer, para se não sujeitarem á decisão, quasi sempre injusta, d'um jury quasi sempre incompetente, quasi sempre escolhido entre gente estranha ao assumpto.

E para aquelles que ainda concorrem, que são geralmente os novos, os concursos servem apenas para os desillusionar, para os habituar ás campanhas deshonestas contra os seus proprios amigos, contra os seus antigos camaradas.

Quanto á legislação dos edificios [tudo] está disperso, incompleto, tudo é arbitrario, prestando-se a todas as irregularidades, auctorizando todos os abusos.

Finalmente, no que diz respeito á consideração a que tem direito o architecto, todos sabem que essa profissão, honrada em todos os tempos e por todos os povos, está entre nós absolutamente desprestigiada, por causa de todos esses intrusos que ousaram usurpar as funcções sacerdotaes do artista.

É immenso, como se vê, o que resta fazer ainda; é por isso que eu considerei que era imprescindivel o concurso de todos, mesmo os mais humildes; é por isso que vim pôr ao serviço d'esta Associação, não as minhas faculdades que são acanhadissimas, mas o meu ardente e sincero desejo de ser util.

ADÃES BERMUDEZ.

FR. BRAS DE BARROS, OU DE BRAGA

(Um documento para a historia da Sé de Leiria)

Fr. Bras de Barros, ou de Braga, se não é das personagens fulgurantes do reinado de D. João III, é todavia uma figura sympathica, que merece ser estudada, não só pelo seu caracter pessoal, mas tambem pelo papel importante que representou, no desempenho de funcções officiaes, já na reforma do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, já na reforma dos estudos universitarios. Fr. Bras de Barros doutorara-se na Universidade de Lovaina, e ás prendas da intelligencia reunira a actividade d'um espirito inquebrantavel. A reforma de Santa Cruz era empreza, que só uma vontade de ferro podia levar victoriosamente a cabo. Fr. Bras de Barros teve de vencer grandes resistencias, mas era homem para a lucta e não se deixou vencer por nenhum obstaculo, desviando sempre com impulso vigoroso a corrente da reacção. Durante o largo periodo que esteve á testa d'aquella corporação, tão vaidosa da sua opulencia e dos seus privilegios, conseguiu restabelecer a disciplina e contribuiu poderosamente para o seu engrandecimento moral. A elle se deve a introdução da imprensa no convento de Santa Cruz e a edificação de diferentes collegios para abrigo e ensino de varias corporações religiosas, attrahidas como borboletas pela chamma da Universidade. D. João III não foi ingrato aos serviços relevantes do seu amigo e confidente, e remunerou-o com a mitra da Sé de Leiria, creada talvez de proposito

para elle, e de que foi portanto o primeiro pastor. Fr. Bras de Barros parecia, porém, ser da tempera de Fr. Bartholomeu dos Martyres, e resignando as pompas e os encargos do officio episcopal, recolheu-se ao seu conventinho da Pena, em Cintra, onde veio finalmente a morrer como qualquer obscuro cenobita.

No archivo do mosteiro de Santa Cruz existia um codice manuscripto contendo uma volumosa correspondencia dirigida, na sua maxima parte, por D. João III e outras pessoas da familia real a Fr. Bras de Braga. Pela extinção das ordens religiosas, este codice passou a mãos particulares, podendo o dr. Ayres de Campo: tirar extractos e notas, que principiou a publicar no vol. xxxvi do *Instituto*. Esses extractos são precedidos d'uma curiosa nota biographica do primeiro bispo leiriense.

De Fr. Bras de Braga encontramos tres cartas ineditas no *Corpo Chronologico* da Torre do Tombo, e d'uma d'ellas vamos dar hoje o traslado, que é como segue:

«Sôr. — Afonso Aluarez cheguou a esta cidade ontem que forã quatorze dias deste mes de iulho e me deu a carta de V. A. e o debuxo que mandou ordenar pera se fazer a noua see, o qual vi e mo deu logno a entender e oie pela menhã o fomos confrontar com o sitio e acodio tam bem per todas as partes e vem em todo tam resguardado que non ha hi em ello que reprimir, o que todo foi pera mi grande consolação, mormente per esta mudança de sitios ser feita depois de V. A. ver todos os que haa em esta cidade, e não menos por a enuenção da obra ser correctea e tambem eumendada per V. A. Huum soo pesar me fiqua que nom posso nem he razã de calar, que he de me nom ver com idade e força por que do mais nom me enfadara de andar com a padiola e cesto seruindo a Deos e a V. A. em esta obra; e isto abaste pera o que V. A. manda que lhe screua asi do sitio como da traça. Aguora V. A. mande fazer os debuxos do alto e os apontamentos como mescreue e eu começarei entretanto de me fazer mais familiar a ambas estas cousas pera que possa dar melhor razam delas a V. A., dandome o Senhor disposição pera que antes que se parta de Santarem lhe ir beijar os pes por o cuidado que tem dos edificios do Senhor Deos, ao qual praza asi por esta obra como por todas as outras tam santas que faaz lhe dar muita vida e saude e em fim a sua gloria amen. De Leyria em os 15 de julho de 1551. — Frei bras bpo de Leiria.»

Esta carta é um documento interessante para a historia da Sé de Leiria, edificio que, juntamente com a Sé de Miranda, servirá proficuamente para o estudo da architectura classica ou do renascimento em Portugal. Pena é que nos não revele o nome do architecto, mas em paga outra revelação curiosa nos faz, e é que D. João III corrigira e emendara a planta da obra. É mais um testemunho a confirmar o que d'elle escreveu D. Francisco de

Monçon, no seu *Primero libro de la ensenanza de un Principe*:

«Entre todos los Princeses antiguos y modernos, puede ser por muy insigne en esta arte contado el-Rei don Iuan el tercero de Portugal de gloriosa memoria, que segun dezian todos los maestros de pedraria y cantaria, tenia grande destreza en saber hazer la traça de vnos palacios, y de vna fortaleza, de qualquer obra tan perfectamente como se estuiera hecha, y assi lo mandaua anadir o mudar en la traça que los Architectos le dauan.»

Este trecho revelamol-o nós pela primeira vez no nosso insignificante livro *Artes e Artistas em Portugal*, mas vêmol-o reproduzido agora, como citação original, n'uma obra recentemente publicada: Seja-nos ao menos permittido resalvar n'este caso os direitos de prioridade, ainda que reconhecamos casualissima a coincidência.

20 — 12 — 94.

Sousa VITERBO.

SÉ DE VIZEU

A abobada de nós

E' sob esta popular denominação que as gerações de ha quasi quatro seculos conhecem a magnifica abobada *manuelina* da Sé de Vizeu, terminada em 1513 pelo bispo D. Diogo Ortiz de Villegas, appellido o *Calçadilha*, por ser natural de uma aldeia d'este nome em Castella, junto a Samora.

Ignora-se a data em que esta obra principiou; mas é certo que foi feita em grande parte e concluida por este prelado, o que é garantido por uma inscripção que se vê na dita abobada, em volta do seu brazão d'armas, a qual diz:

ESTA SÉ MANDOU
ABOBEDAR O MUITO
MAGNIFICO SÑOR DÔ
DIOGO ORTINS, BPO
DESTA CIDADE, E DO
CONCELHO DOS REIS, E
SE ACABOU ERA DO
SÑOR DE 1513

*

E' esta abobada uma elegante e grandiosa construção no estylo gothico do segundo periodo, com algumas caracteristicas do entre nós chamado vulgarmente *manuelino*, por ser no reinado de D. Manuel que a architectura gothica soffreu em Portugal uma nacionalisação, affirmada nos ornamentos de cordas e espheras armillares, symbolos do valor naval da epoca, e na profusão dos detalhes pompeantes da abundancia de ouro e pedrarias que as naus portuguezas nos traziam constantemente da India e do Brazil.

A sensação que se recebe ao contemplar a abobada da Sé de Vizeu é magnifica. A austera religiosidade medieval surge-nos ali n'um visionamento eloquente, arrebatador, subjugando-nos o espirito com uma força victoriosamente dominadora.

Ao transpormos o limiar d'aquelle templo, sentimo-nos retroceder aos velhos tempos cavalleirosos e mysticos de Portugal, a essa epoca grandiosa e épica, em que a fé de Christo era imposta pelas espadas portuguezas nas longiquas plagas que os nossos galeões haviam descoberto, rasgando heroicamente á voz potente do infante de Sagres, as brumas lendarias do mar tormentoso!...

*

Essa epoca gloriosa alteou o espirito portuguez a culminancias até então desconhecidas e até hoje inigualadas.

No officio da guerra, na marinha, na sciencia, na litteratura e na arte, brilhou então este pequeno povo de heroes, impondo-se ao mundo e á Renascença, que surgia por uma forma assombrosa, deslumbrante!

Emquanto lá fóra, na Italia, se operava a Renascença sobre os velhos moldes classicos da Grecia e Roma, que surgiam dia a dia d'entre os escombros das destruições dos barbaros, nós outros, insubmissos e altivos navegadores aventureiros, que abrimos nas quatro partes do mundo as portas dos tempos modernos, nós outros, creavamos uma arte e uma litteratura perfeitamente nossas, incomparaveis, mercê d'esses genios que se chamaram nas lettras Camões, Damião de Goes, João de Barros, etc.; e nas artes Vasco Fernandes, Affonso Domingues, Botaca, e toda essa legião de artistas mais ou menos ignorados, que ergueram magnificas construcções como a da Sé de Vizeu, e pintaram soberbos retabulos como os da sacristia d'este templo!...

*

A architectura gothica é, como se sabe, a architectura religiosa por excellencia.

Ella é a crystallisação do mysticismo da Edade Média.

As suas abobadas em ogiva, sustentadas por feixes de columnellos elegantes como troncos de palmeiras; os coruchéus altivos e esguios, com as agulhas a perderem-se nas nuvens; os botaréis delicadissimos e as rosaceas idaeas, que parecem filigranadas por dedos de anjos; a meia luz que se cõa atravez das suas estreitas frestas, muitas vezes envidraçadas com vitraes coloridos, representando passagens biblicas, oh! tudo isto nos transporta a um mundo e a uma epoca religiosa bem diversa da de hoje, recuando-nos espiritualmente por seculos passados além, envolvidos no murmúrio vago e diffuso do marulhar das aguas nas prõas das naus, no retinir dos montantes, no psalmodiar dos monges a no sandoso murmúrio dos alaúdes, tangidos amorosamente em noites de luar, pelos cirados dos castellos vetustos...

*

Pelo lado technico, foram os architectos gothicos uns artistas originaes e arrojados, que, abandonando as maneiras rigidas da architectura romana, crearam novas formulas de construcção, como por exemplo a das abobadas elasticas, assim chamadas por assentarem sobre a primordial construcção das nervuras, as quaes constituem o seu esqueleto; mas isto obedecendo a uma suprema elegancia de forma e a um completo abandono de cimentos de segu-

rança, pois as nervuras, que partem dos capiteis e se vão encontrar ao centro da abobada constituem as cambotas permanentes destinadas a sustentá-la, ficando assim garantida a segurança d'esta, unica e simplesmente pelo entravamento e pezo das pedras que a compõem.

A abobada de Sé de Vizeu é um magnifico exemplar d'este genero.

Usavam os architectos gothicos de uma liberdade extrema na ornamentação das suas construcções.

Assim, não repetiam elles o padrão de um capitel, ao qual davam formas caprichosas e ornamentações variadas, bem como ás molduras, bases de columnas, etc.

Na construcção interior da Sé de Vizeu, documenta-se isto evidentemente.

*

Na obra da restauração do antigo a que actualmente se anda procedendo nas columnas que supportam a abobada da Sé de Vizeu, por indicação de sua magestade a sr.^a D. Amelia, a expensas do venerando prelado d'esta diocese, e sob a direcção do insigne artista constructor o sr. Seraphim Lourenço Simões, nota-se que não foi por vandalismo, como se suppunha, mas sim por necessidade, que o cabido da dita Sé, na vacancia de 1639-1671, mandou proceder ao seu reboco, por desconhecer os processos de restauração que hoje se adoptam, mas que aliás, como agora se observou, foi executado com grande perfeição e segurança.

Pelo que está a nú, vê-se que na primitiva as columnas, excluindo as do côro, não foram construidas com a perfeição devida, ficando mesmo indignas da bella abobada que sustentam, na qual, ainda assim, se notam defeitos de construcção.

O plano d'aquella edificação foi traçado por artista insigne, talvez descendente em linha recta dos Domingues, Botacas e Ouguets; mas a execução, naturalmente demorada, feita sob a direcção de varios mestres, ficou bastante desigual, em conformidade com a diversa competencia d'es'es.

E', pois, de presumir, que tanto o desalinhamento dos fustes das columnas, como algumas pedras que n'estas se vêem estaladas, tivessem origem após a sua construcção; aquelle, por falta de escrupulo na applicação dos moldes; e estas, por desigualdade de talha, havendo em consequencia actuamento parcial do pezo, que as fez ceder.

Concorreu tambem para a parcial ruina das ditas columnas, especialmente as das paredes, o emprego de um granito molle, vulgarmente chamado *tufa*, hoje extinto mas que foi muito usado entre nós pelos pedreiros antigos, em razão da sua belleza.

E', porém, de crer, que muito concorreu para a evidencia d'estas ruinas e desvios, o terramoto de 1633, que além de fazer derrocar a antiga frontaria gothica da Sé, bem como a torre direita, deixou por todo este edificio assignalados vestigios.

*

Mas já agora, uma vez que se deu principio a uma obra de restauração artistica, tão digna do applauso publico, é um dever imperioso que ella se acabe como deve.

Em vez do simples reboco a terra ingleza, com que estão arrazando as picadellas que em tempo fo-

ram dadas nos fustes das columnas, para melhor adherir o reboco ultimamente tirado, cumpre fazer mais.

Impõe-se o dever — em nome da Arte — de fazer um restauroamento perfeito, o qual consiste no alinhamento e aprofundamento das reintrancias dos columnellos, a imitarem tanto quanto possível os do côro, unicos que guardam harmonia de perfeição com a abobada.

Fica esta obra um pouco mais dispendiosa, mas vale a pena.

Nós cremos que para as columnas ficarem relativamente perfeitas, não obrigarão a despeza superior de vinte e sete mil réis cada uma, o que, na totalidade, não sobe a cifra mui grande.

Cumprido, pois, ao venerando prelado d'esta diocese e ao illustrado cabido da nossa Sé, resolver esta questão, impetrando, para fazer face a tal obra, na ausencia de recursos proprios, a protecção pecuniaria do ministerio das Obras Publicas.

JOSÉ DE ALMEIDA E SILVA.

As columnas da Sé de Vizeu

Na obra de restauração a que se anda procedendo na Sé de Vizeu, acabam de ser postas a nú duas meias columnas das paredes lateraes d'este templo, rematadas na parte baixa por duas cabeças carcomidas e de execução tosca, que, a nosso ver, são os retratos do bispo D. Diogo Ortiz de Vilhegas, e do architecto que por sua ordem fez a traça d'aquella abobada.

Somos levados a esta opinião em consequencia do detido exame que fizemos a estas cabeças, as quaes, apezar da sua barbara escultura, possuem, todavia, traços physionomicos caracteristicos, eloquentes e inconfundiveis.

A do lado do evangelho representa um homem de sessenta annos, de carnes flacidas e longas melenas, expressão de bonacheirona e austera, tendo na fronte vestigios de mitra episcopal, o que pouco se distingue em consequencia das numerosas picadelas que n'este logar a pedra tem. Possui esta cabeça todo o ar de um ecclesiastico, o qual é reforçado pelo esboço de mitra que ainda se lhe nota.

O outro retrato do lado da epistola representa um homem de quarenta annos, coberto com um chapéu touca, á moda do século xv.

A sua physionomia secca, onde o queixo e labio inferior proeminentes denotam energia, o olhar penetrante e fixo, e a fronte ampla e serena, as lucubrações intellectuaes, patenteia evidentemente a organização de um artista.

*

Como simples motivos ornamentaes são pouco accetaveis estas cabeças, sabendo-se que os architectos gothicos dispunham para remates dos modilhões de folhas de cardo, como se vê na propria abobada da Sé.

E sabendo-se, além d'isso, o costume usado n'essas epochas de marcar as construcções com siglas, e collocar-lhes em logares visiveis bustos ou figuras dos seus architectos ou doadores, como por exemplo,

se vê na casa do capitulo do convento da Batalha, onde n'um angulo resalta da parede o busto do seu architecto Affonso Domingues, não podemos deixar de admittir que as duas cabeças em questão representam as physionomias de alguém; e dadas as suas expressões, que já atrás descrevemos, concluímos que perpetuam as feições do bispo D. Diogo e do architecto da abobada.

E não se desdenhe a grosseira execução d'estes retratos, porque é preciso ter em vista que a experiencia ha demonstrado em esculturas congeneres uma perfeita semelhança com as pessoas retratadas, não só á face dos retratos em pintura da epocha, como pelas descripções das chronicas coevas.

E isto observa-se nas duas alludidas cabeças ao primeiro golpe de vista, porque n'ellas existem effectivamente especiaes e caracteristicos traços physionomicos.

*

Assim pois, dada a importancia historica e archeologica d'estas esculturas, cumpre não só conservar-as a descoberto, como restaurar-as das picadelas que teem, mantendo-se escrupulosamente todo o seu aspecto primitivo, para o que carece este trabalho de ser feito com grande attenção e consciencia artistica.

Para este serviço pomos gratuitamente á disposição do illustrado cabido viziense os fracos recursos da nossa competencia artistica.

*

Terminando, cumpre-nos tecer sinceros elogios ao modo por que estão sendo restauradas as columnas da Sé, as quaes, com o aspecto que ora mantêm, ficam, a despeito dos zoilos, muito accetaveis.

JOSÉ DE ALMEIDA E SILVA.

(A Folha, de Vizeu, de 20 de setembro de 1894)

DESCOBERTAS ARCHEOLOGICAS EM BENS FRIM CONCELHO DE LAGOS

As explorações archeologicas pozeram a descoberto, ao sul do povoado de Bensafrim, duas fossas quasi quadradas, abertas na argilla e revestidas de argamassa, cada uma com uma cavidade no meio. Uma parede de alvenaria cercava estas fossas, separadas por uma divisoria de 0^m,15, pelo norte, nascente e parte do lado do poente. Dentro de uma d'ellas existiam os restos de um alguidar arabe.

Ao lado das mesmas fossas encontron se uma grande pedra circular bastante espessa, tendo no meio um orificio e no fundo d'este outro mais pequeno. Estes orificios não ultrapassavam metade da espessura da pedra.

Para o norte de Bensafrim, iniciadas as pesquisas no terreno visinho das grandes necropoles romana e prehistorica, exploradas pelo rev.^o Antonio José Nunes da Gloria, dignissimo prior de Bensafrim, no interesse do fallecido Estacio da Veiga, encontraram-se entre muitas pedras agglomeradas alguns

restos de cerâmica primitiva, e depois, a curta distância, a continuação da necropole romana. A exploração, sendo feita debaixo de grandes aguaceiros, que impediam o trabalho, não permitiu que se recolhesse senão uma urna cinerária (*olla cineraria*) de barro, que estava mettida entre pedras, tapada com dois vasos invertidos. Continha cinzas e miúdos fragmentos de ossos humanos calcinados e um *unguentarium* ou vaso de perfumes, de vidro, do typo *alabaster* ou *alabastrum*. O que ha de notavel n'este deposito é que a pasta cinerária se reconhece ainda perfeitamente impregnada de oleos perfumados! Os incredulos poderão em poucos dias verificar o facto no nosso museu.

Serviu de guia n'estes trabalhos o illustre prior de Bensafrim, archeologo distinctissimo, a quem Estacio da Veiga deveu o mais importante das suas colleções prehistoricas, e que é ao mesmo tempo um artista de muito talento e um caracter nobilissimo. Para se fazer idéa das notaveis e variadas aptidões d'este venerando vulto da archeologia nacional, basta dizer que elle de suas proprias mãos tem decorado a sua igreja parochial com magnificas obras de talha, desenhando, executando os riscos, pintando, dourando, etc. E' architecto, carpinteiro, marceneiro, pintor, dourador, tudo emfim que pôde servir á arte de construir e á arte decorativa dos edificios!

(Gazeta da Figueira, de 26 de janeiro de 1895).

A SÉ VELHA EM COIMBRA E A ARCHEOLOGIA HISTORICA

No congresso das Sociedades Sabias, celebrado em Paris em 1884, o sr. Eulard, mostrando a influencia que a civilização franceza, por meio dos seus religiosos e homens de armas, tinha exercido na península iberica, do seculo xi ao seculo xiv, fez sentir ao mesmo tempo a intimidade que havia entre a architectura romano-gothica da península e a de diversas provincias da França.

No mesmo congresso, celebrado este anno em Paris, e cujo encerramento se effectuou no dia 19 do corrente, o sr. Emilio Eudes, architecto, membro da sociedade archeologica de Orleans, e que em tempo exerceu n'esta cidade o lugar de engenheiro chefe de via e obras da companhia da Beira Alta, occupou-se do mesmo assumpto, mas levou mais longe as suas consequências.

Tratando da architectura romanica em Portugal e tomando como um dos mais bellos e perfeitos specimens a cathedral de Coimbra, disse que esta fôra construida por dois architectos francezes, mestre Bernardo e mestre Roberto, entre os annos de 1160 a 1180. Ora isto é menos verdade. Os documentos nada nos dizem da nacionalidade d'aquelles dois architectos. Mestre Bernardo residia em Coimbra, mestre Roberto em Lisboa, d'onde fôra chamado para visitar por vezes a obra.

Diz o mesmo archeologo que a porta lateral, em estylo do renascimento, fôra construida por João de Castilho. Isto é mera hypothese de Varnhagen. Da existencia de João de Castilho em Coimbra não consta; quem viveu ali muitos annos, creando familia e ali morreu, foi seu irmão Diogo.

Quer-nos parecer que a archeologia portugueza não devia deixar passar em julgado, sem os compe-

tentes reparos, estas inadvertencias da archeologia franceza.

(Gazeta da Figueira, de 27 de abril de 1895).

MUSEU ARCHEOLOGICO DE NOVA GOA

(Extracto de um relatorio do sr. Ismael Gracias)

MONUMENTOS

No dia 23 de março, tendo estado na Sé Primacial de Goa, vi com verdadeira pena atiradas na parte do adro do norte numerosas lapidas com inscrições que me disseram terem sido encontradas nas ruinas da igreja da Misericordia e da de N. S. da Serra, que servia nos ultimos tempos de cemiterio á quasi deserta freguezia da mesma Sé. Observei em especial duas urnas tumulares, que, segundo os lettreiros que trazem, foram do governador Affonso de Albuquerque e do primeiro capitão de Damão, D. Diogo de Noronha, assim como uma pedra enorme com relevos em parte destruidos, a qual sem duvida é do periodo mahometano. De logo no dia seguinte conhecimento a v. ex.^a que se dignou ordenar, em officio de 31 do dito mez, a remoção dos referidos tres monumentos para esta bibliotheca, e de todas as outras lapidas para o deposito das obras publicas. Transferidos, porém, aquelles, viu-se que não podiam ser depositados no edificio da bibliotheca, e por isso o foram n'um dos repartimentos do palacio do governo, esperando opportuna collocação, pois que, por portaria de 9 de junho passado, v. ex.^a attendendo a que é a pratica das nações cultas conservar com desvelo tudo quanto sirva para evocar as boas memorias do passado, preservando da acção do tempo os objectos que lembrem as antigas glorias e sejam apreciaveis subsidios para o estudo da historia, religião e costumes da epocha que representam, e por isso havendo reconhecida utilidade em colligir em um nucleo os que existem e se acham dispersos n'este Estado, notavel por brilhantes e memoraveis tradições», houve por conveniente crear em Pangim um museu archeologico, nomeando uma commissão para apresentar o respectivo plano, elaborar as instrucções necessarias e escolher o edificio adequado. Será esta ordem de v. ex.^a um dos notaveis documentos da sua administração na India, inicio e estímulo da cultura das antiguidades patrias, tão merecedoras da attenção do governo como das lucubrações dos estudiosos.

Foi tambem assim que começou o *Archeological Survey of India*, grande estabelecimento anglo-indiano, avultadamente dotado pelo governo, cuja fundação pertence ao muito conhecido governador geral lord Canning, e cujo largo desenvolvimento

se deve ao seu primeiro director, general Cunningham, fallecido em 28 de novembro ultimo, após uma longa e honrada carreira na India, onde por quasi meio seculo se consagrou á exploração e estudos archeologicos. São importantissimos os serviços prestados á arte, á archeologia e á historia oriental pelo dito estabelecimento, que tem secções em Bombaim e Madrastra, além d'uma especial em Ceylão, destinada á conservação dos monumentos nacionaes da India. O proprio general Cunningham havia publicado 23 volumes de relatorios (1871 a 1887) afóra varias memorias e trabalhos; o seu successor Burgess continúa com o mesmo zelo.

Tornando agora ás urnas de Affonso de Albuquerque e de D. Diogo de Noronha, acima lembradas, a primeira sobretudo merece um estudo especial. Muitos escriptores nos teem deixado memorias sobre os restos e ainda sobre o retrato do inclyto governador, e esse monumento vem offerecer-se ás investigações dos estudiosos. Da urna, ou tumulo? de D. Diogo de Noronha, dá Lopes Mendes o desenho e o epitaphio na sua interessante obra — *A India Portuguesa*, vol. 1, pag. 77.

(Do relatorio do anno economico de 1893 a 1894, do bibliothecario da Bibliotheca publica de Nova Goa, J. A. Ismael Gracias (Nova Goa, Imp. Nacional, 1894), dirigido ao ex.^{mo} governador geral).

~~~~~

LEIS DA RUMANIA SOBRE OS ACHADOS ARCHEOLOGICOS,  
E A CONSERVAÇÃO  
E RESTAURAÇÃO DOS MONUMENTOS PUBLICOS

Na moderna legislação da Rumania encontramos algumas disposições bem definidas e rigorosas, respectivas aos objectos archeologicos encontrados casualmente ou por excavações propositadas, e á conservação dos monumentos nacionaes.

Merecem attenção essas leis, que, se forem executadas, devem produzir em breve excellente resultado. Em Portugal algumas das disposições encontrariam difficuldades na pratica; é possível que na Rumania, estado novo, se não tropece com tradições e costumes velhos.

LOI DU 17/29 NOVEMBRE 1892 SUR LA DÉCOUVERTE  
DES MONUMENTS ET OBJETS D'ANTIQUITÉS

(Analyse par M.<sup>lle</sup> Sarmisa Bilcesco, docteur en droit  
de la Faculté de Paris)

Dorénavant, personne ne pourra faire faire des fouilles pour découvrir des monuments et objets d'antiquité sans une autorisation du ministère de l'instruction publique et des cultes.

L'autorisation ne sera accordée qu'à ceux qui auront prouvé que le terrain qu'ils veulent fouiller

leur appartient ou qu'ils ont obtenu le consentement du propriétaire.

L'autorisation ne sera accordée qu'après avis du directeur du musée des antiquités et sous la condition de ne pas endommager les bâtiments voisins. L'autorisation sera notifiée au directeur du musée des antiquités et au sous-préfet (dans les communes rurales) ou au maire (dans les communes urbaines): ces fonctionnaires seront tenus d'assister en personne aux fouilles ou de se faire représenter par des délégués chargés de communiquer d'urgence au ministre le résultat des opérations.

Quiconque aura découvert par hasard des monuments ou objets d'antiquité, devra, dans les trois jours, en informer le sous-préfet ou le maire. Les sous-préfets et les maires sont tenus d'envoyer un rapport au ministre et de prendre des mesures pour la conservation des objets trouvés. Dans un délai de trente jours, le ministre désignera les objets qui devront être conservés (les objets historiques ou artistiques).

Les objets découverts dans un immeuble dépendant du domaine public, ou dans une propriété de l'Etat, d'un département, d'une commune ou d'un établissement d'utilité publique, appartiennent à l'Etat, mais l'inventeur a droit à une gratification fixée par le ministre. Les objets trouvés dans une propriété particulière appartiennent par moitié au propriétaire et à l'inventeur. Lorsqu'un musée d'antiquités existera dans une commune urbaine, les objets trouvés dans les propriétés de cette commune seront déposés dans son musée, si on en trouve les similaires dans le musée national de Bucarest; dans le cas contraire, l'Etat n'en donnera que des moulages ou des reproductions galvanoplastiques.

Les propriétaires ou possesseurs d'objets historiques ou artistiques ne pourront les vendre dans le pays qu'après en avoir averti le ministre, et à l'étranger, qu'avec son autorisation. Cette autorisation est exigée aussi pour la restauration et la réparation des objets; le ministre, sur l'avis de la commission pour la conservation des monuments historiques, indiquera la manière dont se fera la restauration.

Quiconque aura détruit ou emporté des objets historiques sera passible des peines prévues par l'article 332 du code pénal.

Si c'est dans le pays que les objets ont été vendus ou si des réparations ont été commencées sans l'autorisation du ministre, les propriétaires seront dépossédés au profit de l'Etat.

L'Etat pourra, avec le consentement du propriétaire, faire faire des fouilles dans les propriétés particulières. Le propriétaire aura le droit d'exiger son expropriation.

La prohibition d'exporter les objets historiques

existe aussi pour les objets découverts avant la promulgation de la présente loi.

LOI DU 15/29 NOVEMBRE 1892 SUR LA CONSERVATION  
ET LA RESTAURATION DES MONUMENTS PUBLICS

La loi institue une commission pour la conservation des monuments publics : cette commission se compose de trois membres désignés par le ministre (deux d'entre eux doivent être membres de l'Académie roumaine), du directeur du musée d'antiquités de Bucarest et d'un architecte. La commission est présidée par le ministre et, en son absence, par le plus âgé de ses membres.

La commission est tenue (dans le délai d'un an) de dresser un inventaire de tous les monuments et objets historiques pour la conservation desquels il est nécessaire de prendre des mesures ; cet inventaire sera renouvelé tous les cinq ans.

Aucun des monuments figurant sur l'inventaire ne pourra être démolí, réparé ou restauré sans autorisation du ministre des cultes et de l'instruction publique, donné après l'avis de la commission des monuments publics.

Le propriétaire qui ne voudra pas se conformer aux dispositions de la présente loi, pourra demander l'expropriation du terrain sur lequel se trouve le monument à réparer.

Le propriétaire qui aura réparé ou restauré un monument sans avoir demandé l'autorisation, sera passible d'une amende de 100 à 5.000 fr. et sera obligé de remettre le monument dans son état primitif. On appliquera l'article 352 du code pénal à ceux qui auront démolí ou détérioré un monument public (emprisonnement d'un jour à six mois).

(*Annuaire de législation étrangère*, publié par la Société de législation comparée. Paris, 1893, in-8.)

Os restos mortaes de Vasco da Gama. Providencias tomadas em 1845. — O monumento commemorativo da batalha contra os mouros nos campos de Castro Verde. — A torre de menagem da cidade de Beja.

Da «Collecção de alguns escriptos administrativos do governador civil do districto de Beja, o sr. José Silvestre Ribeiro, no anno de 1845», publicada em Lisboa n'esse mesmo anno, extrahimos os seguintes documentos, que nos parece deverem ficar archivados n'este *Boletim*.

Com referencia á questão de que trata o primeiro, é interessantissimo o artigo do sr. Pinheiro

Chagas, o grande escriptor e orador ha pouco fallecido, deixando um irreparavel vacuo nas letras patrias, nas *Migalhas de historia portugueza*, a proposito do livro do sr. Teixeira de Aragão, *Vasco da Gama e a Vidigueira*.

O 1.º documento foi assignado em Beja, a 8 de fevereiro de 1845.

*Para o Barão de Tilheiras.* — Repartição central. — N.º 8. — «Ill.º e Ex.º Sr. Encontrei n'este governo civil de Beja um officio de V. Ex.ª, expedido pela 1.ª Direcção, 2.ª Repartição do Ministerio do Reino, no qual V. Ex.ª, em nome do Ex.º Ministro, exige informações sobre os meios de trasladar com toda a decencia e dignidade os restos mortaes do famoso Vasco da Gama; tudo nos termos da representação do Abbade Castro, que acompanhava o dito officio, e eu agora devolvo.

Em desempenho, pois, d'esta ordem, tenho a honra de communicar a V. Ex.ª o seguinte, para se dignar de o fazer presente ao Ex.º Ministro do Reino.

Dando á representação do Abbade Castro, e ás ordens do governo de Sua Magestade, a consideração que mereciam, entendi ser do meu dever transportar-me á Villa da Vidigueira, onde descançam os restos mortaes de Vasco da Gama. No dia 6 do corrente passei á dita Villa, e sem detença me encaminhei ao edificio do extinto convento dos Carmelitas Calçados, isto a um quarto de legoa da Vidigueira, para o lado do Norte, e entrei na Igreja profanada da Invocação de Nossa Senhora das Relíquias, dependencia do mesmo extinto convento, que tudo é hoje propriedade particular de Dom José Gil Tojo Borja de Menezes, residente em Portel.

No Presbyterio, para o lado da Epistola, e não para o do Evangelho, como diz o Abbade Castro, está a sepultura de D. Vasco da Gama, tendo sobre a campa o seguinte epitaphio: — *Aqui jaz o grande Argonauta D. Vasco da Gama, 1.º Conde da Vidigueira, Almirante das Indias Orientaes, e seu famoso descobridor.* — Ao lado do Evangelho está tambem outra sepultura, onde jaz D. Francisco da Gama, 4.º conde da Vidigueira; e no meio do côro da capella môr está a sepultura de D. Vasco Luiz da Gama, 3.º neto de D. Vasco da Gama, 1.º marquez de Niza.

Mal imaginava eu que na occasião venturosa em que ia vêr com religioso respeito e patriótica admiração os restos mortaes do illustre e afamado Argonauta D. Vasco da Gama, me estivesse reservado o sensivel e dolorosissimo golpe de presenciar o acto do vandalismo mais barbaro, que entre homens civilizados se tem commettido! A indignação foi n'este caso igual á vergonha, ao considerar que portuguezes desnaturados se arrojassem ferozes e estupidos a profanar o jazigo d'um grande homem, talvez sómente para despojarem o seu cadaver de alguma joia de valor, que com elle tivesse sido encerrada no tumulo!

E comtudo assim havia succedido! Duas das pedras que cobrem a sepultura foram arrancadas, para darem entrada para o jazigo do Heroe a monstros, que não se horrorisaram de devassar aquelle logar sagrado, despedaçar o ataude, roubar alguma cousa de preço, e quebrar alguns dos venerandos ossos do Magnanimo Descobridor das Indias Orientaes!

Este crime, que não tem qualificação nas linguas humanas, foi perpetrado no anno de 1840, segundo me informaram o Administrador do concelho da Vidigueira, e outras pessoas da mesma villa. Perguntei como pôde fazer-se isto, qual procedimento se tomára em tal occasião, ou como passou inobservado um facto de tal escandalo... e ninguém soube dizer-me uma só palavra; d'onde conclui que ninguém n'essa epocha deu a este caso a importancia que merece, e que por outro lado o vandalismo dos malvados só foi egualado pelo indolente descuido de quem devia vigiar pela conservação de tão precioso monumento.

Penetrado de profundo horror e de pungente tristeza, mandei immediatamente lavar um auto pelo administrador do concelho, no qual se lançasse a noticia do que se encontrou, e é o que acompanha por copia este officio. Em seguimento ordenei ao mesmo funcionario que mandasse egualmente collocar bem as duas pedras que haviam sido deslocadas e intimasse o proprietario actual da igreja que não deixe alli entrar ninguém até que eu possa dar as providencias necessarias.

Passarei agora a satisfazer á ultima parte das ordens que V. Ex.<sup>a</sup> me transmittiu.

Parece-me que o governo deverá auctorisar-me para mandar fazer um cofre onde sejam encerrados os ossos que n'aquella sepultura se encontram, devendo na occasião do encerramento assistir um facultativo, para verificar se os ditos ossos são todos pertencentes a um só cadaver, ou se ha entre elles algum estranho, visto como a sepultura foi arrombada, e se encontra alli um pedaço de craneo, que parece ser de outro cadaver.

Uma vez mettidos os ossos em um cofre, devem ser remetidos para Lisboa, á disposição do governo, para se lhes dar o destino que o Abbade Castro recommenda; e como seja bem entendido que tão venerandos despojos sejam acompanhados com toda a decencia e acatamento, parece-me que eu e o governador do Bispado, juntamente com alguns cavalheiros de Beja, os acompanhemos até Alcacer do Sal, onde o governo poderá mandar uma embarcação para os receber e transportar a Lisboa. Se este, ou outro qualquer plano fôr adoptado, convém que o governo me auctorisar para fazer as despesas que dentro dos limites da maior economia forem indispensaveis, para dar a este acto o lustre e apparato que elle demanda, como sendo relativo a um dos portuguezes mais afamados.»

O 2.<sup>o</sup> documento tem a data de 18 de outubro de 1843.

*Para o Ministro do Reino.* — Repartição central. — N.<sup>o</sup> 61. — «Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — No anno de 1792, sendo corregedor da comarca de Ourique, Jacinto Paes de Mendonça, foi mandado levantar na Villa de Castro Verde um Monumento em memoria da famosa batalha, que o Senhor D. Affonso Henriques pelejou contra os mouros n'aquelles sitios em 1139.

Este Monumento, erigido sob a inspecção do dito corregedor por ordem do governo, e custeado pela Repartição do Cofre das Sizas, consistia em uma pyramide, coroada por uma Coroa Real, tudo de mármore azulado, primorosamente lavrado, e tinha no centro o busto da Senhora D. Maria Primeira, e nas faces do pedestal dois dysticos em latim, e um em

portuguez, alludindo os primeiros aos acontecimentos relativos á memoravel batalha do Campo de Ourique.

Desgraçadamente porém um horrivel furacão derribou este Monumento no dia 7 de dezembro de 1801, quebrando-se a pyramide logo por cima da base. O busto da Senhora D. Maria Primeira não soffreu desastre, e a camara de Castro o fez collocar na sala de suas sessões, onde hoje se conserva em bom estado.

Parece-me conveniente á gloria nacional que um tal Monumento seja reconstruido, não só porque uma illustre soberana o mandou erigir, mas tambem porque attesta elle a estimação em que os Portuguezes teem os nobres feitos dos seus maiores, e com muita particularidade os que se enlaçam com o berço da nossa monarchia. E tanto mais ousado afoutamente exunciar este pensamento, quanto a despeza necessaria para a dita reconstrução não poderá exceder a 300\$000 réis.

A Villa de Cast o Verde é notavel por ser nos seus campos (em S. Pedro das Cabeças) que se pelejou a memoravel batalha a que acima alludi já; e hoje está ella ennobrecida com dois formosos templos, que podem considerar-se como outros tantos monumentos, pois que no primeiro d'elles, com a denominação de Igreja das Chagas do Salvador, tanto nas paredes como no tecto estão representados em pintura todos os trechos mais poeticos que a tradição tem transmittido ácerca d'aquelle famoso acontecimento: e no segundo são reproduzidos os mesmos acontecimentos em magnificos desenhos sobre azulejos. Esta segunda Igreja é a matriz d'aquella Villa.

Parece-me que interessa ao governo fazer cuidar mui attentamente da conservação dos dois templos, applicando-se para um tão louvavel e interessante fim alguma somma annual, segundo o que se julgar necessario em presença de um exame minucioso, feito por pessoas competentes. O ultimo dos Filippes, que reinaram em Portugal, tinha applicado para as obras da Igreja das Chagas do Salvador o rendimento do Terradego da Feira de Castro, por provisão de 1619, cujo rendimento foi effectivamente cobrado até á extincção d'quelle imposto.»

3.<sup>o</sup> documento, 23 de outubro de 1843.

*Para o Ministro do Reino.* — Repartição central. — N.<sup>o</sup> 63. — «Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Sabendo eu o quanto o illustrado governo de Sua Magestade toma a peito a conservação de todos os monumentos, que nos diferentes pontos de Portugal recordam a gloria de nossos maiores, perpetuam a memoria de assignalados feitos, ou revelam a grandeza, magnificencia e sublime gosto de quem os mandou erigir: dou-me por obrigado a offerecer á consideração de V. Ex.<sup>a</sup> algumas ponderações ácerca da grandiosa e soberba Torre, denominada da *Homenagem*, que n'esta cidade de Beja attrahe a admiração dos viajantes.

Esta primorosa fabrica é obra do immortal Senhor Rei D. Diniz, e um formoso padrão da grandeza de animo d'aquelle Monarcha illustre, a quem o Reino, e em particular esta cidade de Beja deve tantos cuidados e beneficios. Um grande numero de vezes visitou o Rei Lavrador a cidade de Beja, onde n'outras eras esteve Julio Cesar, e asentou pazes com os Lusitanos, de cujo acontecimento proveiu á

cidade o nome de *Pax Julia*. Em uma pois das vezes que D. Diniz esteve em Beja mandou levantar a dita Torre de Homenagem. Eis como ella vem descripta em um livro manuscripto que tenho presente, e se intitula *Historia das antiguidades de Beja*.

«É esta uma grande fabrica de cantaria marmore, em a qual com a grande altura compete o primor da architectura. Por quanto aquella é de 220 palmos craveiros, desde o fim do parapeito da varanda, que se vê em todo simo da Torre, até ao pavimento em que se acha fundada a mesma Torre. E esta é ornada com todo o primor da architectura no seu artificio. Tem em si esta fabrica duas grandes sallas, a primeira das quaes tem quarenta palmos e meio quadrados; e a segunda trinta e quatro e meio, com tres janellas. Tem mais outra salla de menor grandeza, da qual se entra para uma bella varanda, que como ameyra rodêa a mesma Torre, quasi em todo o simo, ornada com seus pilares do mesmo marmore, tendo nos cantos varias seteiras, proprias para n'aquelles antigos tempos se lançarem pedras e materiaes ardentes sobre os inimigos, segundo a fôrma de pelejar dos mesmos tempos. E no fim da maior altura se encontra como remate d'esta grande obra um espaço mirante, do qual se descobrem povoações a mui grande distancia; o convento de Palmella, a Serra da Arrabida, e outras eminencias distantes se avistam sem oculo perfeitamente. Sobee-se a toda essa eminencia por uma grande escada em fôrma de caracol, a qual consta de 143 degrãos do mesmo marmore, a que ainda crescem separados outros 11 degrãos da outra escada, que principia na varanda, que circula a Torre, e acaba no mirante.»

Esta descripção é exacta, e demonstra só de per si a necessidade de conservar com o mais esmeroso cuidado aquelle monumento, obra prima no seu genero, recommendavel por ser feitura d'um grande Rei, tão caro á memoria dos Portuguezes; e não menos interessante pela sua antiguidade, e pelo afomoseamento que dá a esta cidade.

Mas o tempo tem feito alguns estragos n'esta Torre; alguns raios tem derribado pedras, e aberto fendas, que pouco e pouco a podem fazer alluir. E é por isto que eu ousou lembrar a conveniencia de se lhe acudir promptamente com os reparos necessarios, os quaes por enquanto não demandam consideravel despeza, e muito concorrerão para conservar a primorosa fabrica em toda a sua belleza e perfeição; parecendo-me indispensavel que tambem seja collocado alli um conductor electrico, em consequencia de que, estando a Torre assentada em uma grande eminencia, e erguendo-se acima da sua base até uma extraordinaria altura, está sobremaneira exposta aos funestos e desastrosos effeitos dos raios.

Se a camara municipal de Beja tivera assás de rendimentos, atrevera-me eu a inculcar que ella se incumbisse da conservação de uma obra que dá um certo realce á cidade; como porém sei que os seus rendimentos são demasiadamente escassos, julgo que será indispensavel que pelo ministerio da guerra, a cargo de cuja Repartição está a Torre, se façam as despesas indicadas, e se continue pelo decurso dos tempos a prover á sua conservação.

Pareceu-me ser do meu dever chamar a attenção do governo sobre este assumpto; assim o fiz, esperando ser relevado de haver assim abusado da paciencia de V. Ex.ª»

## ALGUMAS NOTICIAS PARA A DESCRIÇÃO HISTÓRICA DO LOGAR E FREGUEZIA DE ALCAINÇA

(Continuação do n.º 2)

A egreja parochial de S. Miguel de Alcaínça está, como já se disse, situada ao fundo do logar proxima da estrada districtal, que conduz a Mafra.

A egreja é bem antiga, certamente do seculo XII ou XIII, não apresentando todavia exteriormente vestigios da sua primitiva construcção; pois que as reconstrucções e ampliação em diversas epochas tudo alteraram. Está edificada em uma elevação do terreno com a frontaria ao poente, tendo em redor um grande adro fechado com muro, no qual se encontra um portão com grade de ferro fronteiro á porta principal da entrada para a egreja, e nos humbraes de pedra d'este portão está indicada a epocha da construcção do muro e do portão, lendo-se no humbral do lado do norte ANNO, e no do sul 1882.

Em um recinto do adro, junto á egreja pelo sul, e fechado com um outro muro e dois portões, está o cemiterio da freguezia. A entrada principal é voltada ao poente, e sobre o muro d'este lado está uma cruz de pedra e uma lapida com o symbolo da morte em relevo e a inscripção:

EM 1851 A JUNTA EDEIFICOU ESTE CEMITERIO

E EM 1862 A CAMARA O CONCLUTO.

A egreja teve uma alpendrada, que occupava o espaço desde a parede da capella do cruzeiro lado do norte, frente, e fechava na parede da outra capella fronteira do cruzeiro do lado do sul. A alpendrada foi destruida, para a reconstrucção e ampliação a que procederam em 1864, sendo então accrescentada a egreja, e feita a actual torre na frontaria para o lado do norte, e no espaço do alpendre d'este lado fez-se tambem o corredor e escada, que communicam para o côro e torre.

A frontaria está voltada ao poente, e tem uma janella sobre a qual está marcada a epocha da obra 1864, e uma só porta principal, e tem na parede do norte uma porta, que communica com o corredor do côro, na do sul outra porta que dá para o corpo da egreja, e outra na parede do nascente que dá serventia para uma sacristia ao lado norte da capella-mór, tendo ainda outra sacristia no vão da capella-mór e cruzeiro para o lado do sul, e duas janellas nas paredes norte e sul das capellas do cruzeiro.

Todas as portas e janellas são de fôrma rectangular, e da reconstrucção effectuada no seculo decimo setimo, no periodo de 1624 a 1663, como depois se verá, sendo de crer que, na primitiva, tivessem sido de ogiva.

A torre tem quatro ventanas, sendo uma em cada face, e dois sinos, um já antigo da igreja sem legenda alguma, e outro o maior, adquirido por compra depois das obras. Este sino tem no meio em relevo a imagem da Virgem e na borda DEDICADO \* A N \* S \* DAS VMPCAO \* LVIS GOMES DE OLIVEIRA \* ME FES \* ANNO DE 1724.

Foi comprado pela junta de parochia de Alcainça á junta de parochia da freguezia de Nossa Senhora da Assumpção de Loures. Era o sino, que dava as horas do relógio, estava collocado fóra da torre da igreja, e com a sua transferencia deram-se circumstancias dignas de serem mencionadas: o povo de Loures não queria, que o sino fosse tirado da igreja, o de Alcainça protestava, que tinha sido comprado, e havia de seguir ao seu destino; n'esta exaltação de espiritos foi chamado o presidente da junta vendedora, individuo de consideração em Loures, o qual com difficuldade consegue serenar um pouco os animos, determinando, que o sino fosse tirado e entregue, porque estava vendido; então os homens de Loures deliberam entre si, nenhum trabalhar ou ajudar, nem ministrar os aprestos necessarios para o litar e fazer descer; os de Alcainça vêem-se em serios embaraços; mas como nas grandes crises é que se manifestam os actos de resolução e coragem, vencem os obstaculos servindo-se de cordas, e á força de braços conseguiram tirar o sino, descel-o e collocar-o sobre o carro, que o devia transportar, e todo este trabalho foi vencido sob uma vozearia de imprecações, taes como «de que ao tirar o sino cahisse e se fizesse em pedaços, matando as pessoas, que em baixo estavam» etc.; as mulheres tomaram tambem parte n'este conflicto, e quando o carreiro contente chamava os bois, que puxavam o carro, em que ia o sino já collocado, eram ellas então que gritavam em despedida que «o primeiro toque que fizesse, fosse o dobre de finados por elle carreiro.»

O sino lá está no seu posto, e se tange, pedindo orações pelos que passaram d'esta vida, tambem sóa alegremente chamando o povo ás festividades.

A igreja é de uma nave e de pequenas dimensões; mede interiormente 16<sup>m</sup>,10 de comprido, desde as humbreiras da porta principal até ao arco da capella-mór, e de largura na nave 4<sup>m</sup>,40. A capella-mór tem 4 metros de fundo por igual medida de largura. O cruzeiro tem 11<sup>m</sup>,70, tendo a capella do norte de fundo 3<sup>m</sup>,45 e a do sul 3<sup>m</sup>,85, e de largura 3<sup>m</sup>,30.

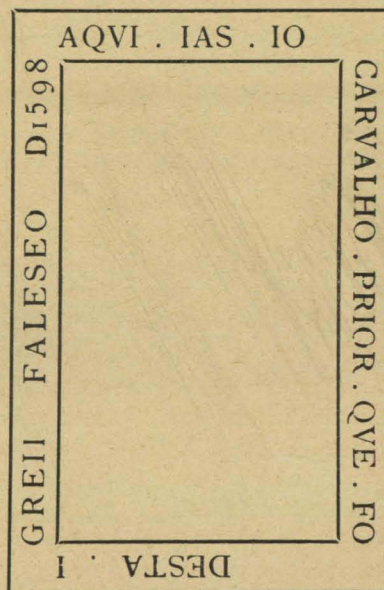
Na primitiva tinha toda a igreja de comprimento interior 14<sup>m</sup>,10, na ampliação feita em 1864 foi accrescentada 6 metros na frente, pelo que actualmente mede toda 20<sup>m</sup>,10.

No espaço augmentado se fez o côro, e do lado esquerdo no vão da torre é a capella baptismal

sem nada de notavel, a pia de pedra simples sem lavores.

Tem a igreja tres altares, o da capella-mór e dois no cruzeiro. No altar da capella-mór estão o Sacratio e as imagens do padroeiro S. Miguel e S. Sebastião.

N'esta capella estão duas portas, que communicam com as sacristias, e no centro existe uma lagea sepulchral, tendo a seguinte inscripção:



Esta campa está quebrada, motivo porque lhe faltam letras, que deviam completar alguns termos da inscripção.

A nave não tem altares, e tem um só pulpito do lado esquerdo. As duas paredes estão forradas de vistosos azulejos do seculo decimo setimo, nas tres côres branca, azul e amarella, representando folhagens entrelaçadas; mas sómente na parte antiga, a parte das paredes accrescentada está pintada.

Na nave existem as quatro pedras antigas circulares, com as cruzes da sagração da primitiva igreja.

Todo o pavimento da nave e das duas capellas do cruzeiro foi sobradado na occasião das obras da ampliação feita em 1864, ficando assim cobertas as lageas das sepulturas.

O arco cruzeiro da capella mór é da reconstrução do seculo decimo setimo e de volta inteira, os arcos das capellas do cruzeiro são ogivas. O tecto da igreja e capellas é feito de madeira. Os altares das capellas do cruzeiro estão collocados de face parallela ao da capella mór.

Na capella do lado do norte é o altar dedicado a Nossa Senhora do Rosario, e tem mais as imagens de S. Sebastião e Santo Amaro.

Ha n'esta capella uma porta, que dá passagem para o pulpito e para o corredor, escada do côro e torre.

A capella do cruzeiro do lado do sul é da invocação de S. Silvestre, e no altar está também uma imagem de Santa Rita.

É esta a capella instituida pelo padre Vicente Annes Froes, prior de Santa Maria de Cheleiros, em cumprimento das suas disposições testamentarias de 31 de março de 1363, para n'ella ser sepultado junto a seu pae.

Ao fundo da capella estão os dois tumulos de pedra lisos, sem labores nem inscripções. Alli deverão existir os ossos do instituidor e de seu pae Joanne Annes Froes.

Para o cumprimento dos encargos d'esta capella deixou o instituidor bens importantes, os quaes foram por diversos administradores sobnegados, aforados e alguns vendidos, como já se disse, pelo que el-rei D. Manuel mandou, em 1498 e 1499, fazer tombo de todos os bens como bens da corôa, e depois el-rei D. Filippe II, pelo alvará de 4 de outubro de 1619, ordenou, que se procedesse a novo tombo, comparado nas medições e confrontações ás verbas do outro antigo, ficando exarado na sentença de 30 de setembro de 1624, que fossem mencionadas na descripção dos bens as verbas do tombo velho e do tombo novo.

N'esta sentença os juizes executores determinaram os encargos que, os administradores, aos quaes el-rei fizesse mercê da capella, deviam cumprir; pois que na instituição além da capellania, anniversarios e lampada, o instituidor mandava que «o al que ficar despendão por onde uirem seia serviço de Deos e prol da minha alma» não declarando coisa certa, se entendia ser em obras pias, para o que era necessario prover de maneira, que se cumprisse; e portanto mandaram que os dois capellães, um da instituição do morgado da quinta do Arneiro, e o outro da instituição da capella, dissessem as missas em cada dia, sabindo com agua benta sobre a sepultura, rezassem as horas canonicas e anniversarios, lampada accesa e ornamentos, e no dia de finados officio por alma do instituidor, e que na egreja se dispendessem pelo menos quarenta alqueires de trigo a pobres e seis vestidos de burel, como o instituidor em outra disposição ordenava, que se fizesse, e para ajuda do dote de algumas moças honestas pobres do termo, e com os doentes e outros pobres necessitados, o que tudo se deveria fazer em livro e rol certo das despesas, para o administrador dar conta todos os annos, e porque a instituição mandava que se dessem trinta soldos ao prior de Alcainça, por ter o cuidado de fazer cumprir os encargos, e na falta de administrador elle os cumprisse, ordenaram, que o prior os hou-

vesse, fazendo cumprir os ditos encargos e as lembranças necessarias dos pobres.

E como na capella existia um lettreiro, ordenado pelo tombo antigo, não declarando as obrigações da applicação do resto em obras pias, mandaram os juizes que se pozesse outro pela seguinte forma:

«Vicente Annes Frois Prior de Chileiros instituyo esta capella anno de mil quatro centos e hum com obrigação de capellão perpetuo, tres anniuersarios, alampada, e o resto em obras pias, e deixou mais encargo de outro capellão sobre a quinta do Arneiro que rezem suas horas na Igreja na forma declarada no tombo que está na torre do tombo uagarão para a Coroa feita esta lembrança em mil seis centos vinte e quatro.»

Procedendo-se ao tombo de todos os bens da instituição na conformidade da citada sentença, foi a capella de S. Silvestre, a primeira verba do tombo novo, assim descripta:

«Primeiramente se medio o corpo da capella de São Silvestre sita na Igreja de São Miguel de Alcainça a qual está á parte direita da banda da porta trauessa da banda do meyo dia, e tem de comprimento sinco uaras, e meya que forão medidas de huma pedra que está á pia dagoa benta da porta trauessa até a parede do cruzeiro, na qual medição entra também a largura da parede, e de largo com a parede para a parte do adro quatro uaras esforçadas que he da banda do meyo dia, e achouse ter a dita capella duas sepulturas antigas encostadas á parede da banda do adro, e do meyo dia que parecião jazigos, e na parede pegado ao retabolo da parte direita a banda donde se diz a epistola estar hum letreiro de letra antigua que se não podia ler claramente, no meyo do cruzeiro ao pee do degrao está huma sepultura com huma campa com suas armas, que são hum escudo com sinco azas em sima do escudo huma aue com suas flores, e huma meya lua á parte do sul, e está assentada ás auessas, e tem hum letreiro pegado ao degrao do cruzeiro cujo treslado he o seguinte:

*«Esta sepultura he de Bertolameu dabreu, e seus herdeiros Prior que foi desta Igreja de São Miguel, e de São Gião do tojal, e perpetuo capellão desta capella de São Silvestre filho que foi de Diogo dabreu Prior que foi das mesmas Igrejas, e capellão faleceo dia do Spirito Sancto a 2 dias do mez de junho do anno de 1560.»*

As medidas descriptas são exactas ás que se verificam actualmente. A lagea da sepultura de Bartholomeu de Abreu e seus herdeiros está coberta

pelo sobrado, e o letreiro de letra antiga, que se não podia ler claramente, foi coberto pelos azulejos, florões em azul sobre fundo branco, de que as paredes da capella estão vestidas.

A lapida dos encargos, que os juizes na sentença de 30 de setembro de 1624 ordenaram que se pusesse, não foi collocada; esta circumstancia e o desaparecimento da inscripção em letra antiga, indicam que, depois da sentença e formação do tombo novo, o administrador ou administradores procederam a importantes obras na igreja entre os annos de 1624 a 1663, e seria então que, desapareceram os arcos ogivais das portas e janellas, e foram azulejadas as paredes da igreja, sendo eguaes os azulejos da nave, capella-mór e capella de Nossa Senhora do Rosario.

Os arcos de ponto subido das capellas do cruzeiro tambem são forrados de azulejos, vendo-se nas curvaturas do arco da capella de S. Silvestre, pintadas no azulejo, as pequenas imagens de S. SILVESTRE e S. FRANCISCO, e no vertice o Espirito Santo. Notando-se que, já anteriormente, esta capella era, até pequena altura, forrada de azulejos de relevo, dos quaes ainda restam alguns no angulo da capella proximo ao altar e junto ao tumulo.

Em 1663 é que foi collocada a lapida dos encargos, e lá existe na parede fronteira ao altar, com a seguinte inscripção:

VICENTE ANNES FROIS PRIOR DE CHILEIROS INT.º

ESTA CAP.ª ANNO DE = 1401.

COM OBRIGASÃO DECAPPA.ª PERPETVO, TRES ANNIVERSARIOS, HUM OFF.º POR DIA DOSS.ªOS EM QVE SEDARÃO 40 ALQUEIRES DE TRIGO APOBRES, OR-ESTO EMOBRAS PIAS, VESTIR SEIS POBRES DEBVR-EL, EP.ª AJVDA DODOTE DEALGUMAS MOSAS HONEST-AS POBRES DOTR.º 5 ATÉ 8 MILREIS, E COMDOENT-ES EMSUAS MEZINHAS, ALÁPADA ACEZA OQVE TV-DO FARÃO PORLIVRO P.ª NELE DAREM CONTA. O PR-  
IOR HAVERÁ 1500 R.ª PORFAZER CVMPRIR ALEMBR.ª  
DASNECED.ª DOSPOBRES EOADMINISTRADOR HAV-  
ERÁ 10 MIL R.ª E HAVERA OTRO CAP.ªM SOBRE AQV-  
INTA DOARNEIRO, QVE REZEM ASHORAS NAIGR.ª  
VAGARÃO P.ª ACOROA = CONSTA DATORE DO TM.º

ANNO DE 1663

A epocha indicada na inscripção está errada, porque tambem erraram os juizes na sentença de 30 de setembro de 1624, quando designaram que, a capella tinha sido iustituída no ANNO DE 1401; pois o ultimo testamento de Vicente Annes Froes, pelo qual se fez a instituição, é de 31 de março da ERA (de Cesar Augusto) de 1401, que corresponde ao ANNO (do nascimento de N. S. Jesus Christo) de 1363.

Do cartorio antigo da freguezia existe um livro

de assentos de baptismo, sendo o primeiro de 9 de janeiro de 1600.

Estão archivados tambem os livros de irmandades: Santissimo Nome de Jesus, de 27 de setembro de 1741. Compromisso da irmandade do SS. de 8 de julho de 1747. Almas, 22 de setembro de 1754. Irmandade do Santissimo Sacramento, de 19 de julho de 1757. Além d'estas irmandades houve tambem a de Nossa Senhora do Rosario, e a de Nossa Senhora da Paz.

Estas irmandades já não existem, e as obrigações da irmandade do SS. fabriqueira estão a cargo da junta de parochia, que é pobre.

A parochia tinha passal, que foi incluído nos bens nacionaes, e annunciada a venda da parte rustica pela Lista n.º 6:700, em 17 de outubro de 1889, e foram arrematadas pela quantia de rês 350\$100 as tres terras de que se compunha o passal, denominadas quinta de cima, quinta de baixo e terra da cruz, ficando a casa e um quintal para residencia dos parochos.

Ha no lugar de Alcaíça uma ermida dedicada ao Espirito Santo: de algum rendimento, de todas as alfaías e imagens tomou posse o hospital de Mafra, pelo que está como abandonada.

(Continúa)

ASCENSÃO VALDEZ.

## CONSTRUÇÕES ECONOMICAS

Na sessão de 7 de junho foi presente a seguinte proposta:

Sendo esta Real Associação composta não só de archeologos, mas tambem de architectos, e

Considerando que os trabalhos do centenario da descoberta da India devem revestir, não só um character de consagração nacional, mas o tracejamento de idéas de utilidade pratica;

Considerando que as classes menos favorecidas luctam com os penosos encargos dos alugueres das habitações, que teem preços excessivamente elevados, e sem condições, em geral, de salubridade;

Considerando que as sociedades cooperativas de construcção em o nosso paiz, luctam com muitas dificuldades, sendo uma d'ellas a falta de modelos de habitações economicas, o que existe n'outros paizes;

Proponho que esta Real Associação nomeie uma comissão de cinco membros, sendo tres architectos, para apresentarem na epocha do centenario da India um album de diversos typos de casas, acompanhado de um relatorio, onde a parte economica seja posta em relevo, procurando-se a forma pratica de realisar este pensamento, contribuindo assim esta associação com um trabalho verdadeiramente util.

23 de março de 1893. — O socio effectivo, Costa Goodolphim.

A assembléa geral elegeu para este estudo, tão interessante e de tamanho alcance, uma comissão especial que ficou composta dos socios architectos, srs. Possidonio da Silva, Valentim Corrêa, Adães Bermudes, Araujo Carvalheira, e do socio proponente, sr. Costa Goodolphim.

### O MUSEU SOCIAL

A cidade de Paris possui um novo museu; em 25 de março ultimo foi a inauguração d'esse estabelecimento, que vai ter sem duvida um largo futuro e enorme influencia. Fallamos do *Museu Social*. A sociedade do Museu Social, fundada pelo conde de Chambrun, foi reconhecida de *utilidade publica* em 31 de agosto de 1894, por decreto baseado em parecer do conselho d'estado.

O novo museu está na rua Las-Cases, 3, n'um bello edificio construido propositadamente pelo generosissimo fundador.

Em 1889 fez-se na esplanada dos Invalidos uma exposição de economia social. O exito brilhante d'esta exposição de factos sociaes revelou ao publico o que muitos industriaes tinham sabido conseguir espontaneamente. Viu-se logo que instava caminhar. Elementos de *trabalho* havia; faltava o *capital* para iniciar a nova empreza. Foi o conde de Chambrun, um millionario intelligente e de coraço, que resolveu o problema; offereceu, por uma vez, dois milhões de francos.

Qual o fim da *Société du Musée Social*?

Tem por fim (art. 1.º dos estatutos) fornecer gratuitamente ao publico, com informes e consultas, documentos, modelos, plantas e planos, estatutos, etc., das instituições e organizações sociaes que tem por alvo o melhorar a situação material e moral dos trabalhadores. Não admite discussões politicas nem religiosas.

Os principaes meios (art. 2.º) são:

- 1.º Uma exposição permanente de economia social.
- 2.º Uma bibliotheca e uma sala de trabalho abertas gratuitamente.
- 3.º Comunicação aos interessados de todas as indicações relativas ás obras sociaes.
- 4.º Consultas technicas sobre obras a crear, situação das existentes e modificações possiveis.
- 5.º Organização de conferencias, cursos, demonstrações oraes e vulgarisação das instituições da economia social.
- 6.º Missões de estudo e inquerito.
- 7.º Publicações.
- 8.º Premios a trabalhos notaveis, e organização de concursos sobre assumptos especiaes.

Art. 6.º Como a Sociedade tem dotação sufficiente, os socios não pagam quotas.

Art. 7.º O *comité* de direcção é composto de sete socios, eleitos para sete annos.

#### CLASSIFICAÇÃO DOS DOCUMENTOS DO MUSEU SOCIAL

##### *Estatística social e documentos geraes*

Estatística da população. Mortalidade. Enfermidades. Accidentes.

Exposições. Offícios do trabalho. Museus sociaes.

##### *Regime da família*

Monographias. Instrução profissional. Aprendizagem.

A influencia da mulher. Industrias caseiras.

##### *Regime da propriedade*

Divisão da propriedade. Fórmulas diversas da movel e immovel.

Transmissão da propriedade. Systemas collectivistas.

##### *Regime geral do trabalho*

Regulamentos de trabalho. Hygiene e segurança. Sindicatos industriaes e agricolas. Grupos. Greves. Arbitragem. Conciliação. Conselhos de officina e fabrica. Instituições dos patrões. Systemas socialistas.

##### *Vida normal do trabalhador*

a) I. Trabalho ás ordens. Salarios, subvenções, participação de lucros.

II. Trabalho nas cooperativas de produção.

III. O operario em casa. Industrias domesticas.

##### *Economia e credito*

b) Caixas economicas. Cooperativas de credito. Bancos populares.

c) Habitação. Moradas baratas. Cooperativas de construção.

d) Alimentação, vestuario, iluminação, aquecimento. Cooperativas de consumo.

e) Recreios, circulos, sociedades.

f) Diversos.

##### *Crises na vida do operario*

a) *Falta de trabalho*. Escriptorios de collocação. Assistencia. Seguro contra a falta de trabalho.

b) *Doenças*. Sociedades de soccorros mutuos. Alcoolismo.

c) *Accidentes*. Prevenção. Atenuação. Hospitales. Reparação, seguro contra accidentes.

d) *Velhice e invalidismo*. Pensões de reforma. Criação do patrimonio.

e) *Morte prematura*. Seguro de vida inteira, mixto, de termo fixo.

f) Diversos.

Agradecemos muito reconhecidos o folheto que nos foi offerecido — *Le Musée Social*. Inauguration. Paris, Calmann Lévy, 1895.

## VIDA E MILAGRES DE SANTO ANTONIO

(Excerptos de um manuscrito do seculo xv)

Cod. n.º 94 da Coll. dos mss. illuminados e preciosos da Bibliotheca Nacional de Lisboa. Encadernado modernamente. Diz na lombada — *Chronicas dos ministros e geraes dos frades menores*.

1.ª fl., 1.ª columna. — Em nome de Deus. Começasse as caronicas dos ministros e geraes da ordem dos fraires menores. — Em um breve prologo se diz: — Por quamto ho recomtamento das cousas pasadas he proueitoso pera emsinamento dos presentes e cautella dos que som por viir de aquy he que as cousas notauees boas e maas que em desuairados tempos sob diuersos ministros jeraaes em algumas leituras trautados e processos e coronicas achey deramadas que em na samta hordem dos fraires menores avia acomtecido. E aimda da uida dos santos fraires buscadas em quanto pude em verdade em no seguimte liuro. —

E' uma compilação.

Tem 256 fl. de pergaminho, numeradas só na frente.

Altura 0,33; largura 0,24. Escripito em duas columnas; boa letra, igual. Iniciaes e titulos a tinta vermelha.

Variavel o numero de linhas, 26, 30, 32 por columna.

In fine: — foy este liuro acabado em no ano de m.º lxx anos aos xiiij.º dias do mes de setembro. Deo gracias.

Este final foi augmentado, na epocha, em caracteres menores — no oratorio de sco. antonio de villa frãca e escreueo esteue anes solteiro filho de caneesteves morador no dicto loge de uilla franca. — E segue — frey antonio de Rybeyra galego vig.º de sco. antonio de uilla franca mandou escrever este liuro. Anno do S.º de mil e cccc lxx. —

Isto com a assignatura — F. J.º d. P.; — isto é, frei João da Povia, o celebre franciscano, confessor de D. João II. As tres ultimas linhas, e o accrescentamento de que fallei, são da letra de João da Povia.

Por consequencia, o Esteve Anes solteiro escreveu, ou acabou de escrever em 1470 o volumoso codice, copiando antigas leituras e chronicas. A es-

cripta foi revista com attenção; ha emendas, por exemplo no milagre de Beja, que é o ultimo de Santo Antonio descripto; e por essas emendas se vê que o copista em algumas palavras alterára modernisando, e a revisão emendou para a fôrma do texto mais antigo. Em geral parece redacção portugueza da segunda metade do seculo xiv. Descrevem-se muitos factos da ordem dos menores, passados fóra do reino, e muitos de Portugal.

G. PEREIRA.

Fl. 11, 2.ª col. — ... E samto antonino emlta era canonico em aquelle moesteiro de samta cruz. E era chamado fernam martiz. E cobiçamdo e auendo desejo de marteiro a exemplo de aquestes sanctos fraires que foram marterezados em marfocos, emtrou em aquesta hordem dos fraires menores aos vinte e cinco anos de sua ydade e uiueo dez anos em na hordem e foy comprido de tanta samtidade e claro em doutrina e milagres e asy acabou em na hordem. Dos quaaes millagres alguns se poem ajusso que em na sua mayor leitura som spritus.

Fl. 89, col. 2.ª — Aquy sse contem alguuas cousas notauees e milagros do bem auenturado Santo antonio natural da cidade de lizboa.

Como Santo antonio pregasse em Arimyo onde moraua grande copia de hereges despumtando contra os erros delles cobiçaua tragerllos ao lume da uerdade. Mais elles fectos asy como pedras por la austinaçom ou emdurecimento nom solamente comsentirom aas palauras de samto antonio. Mais de todo em todo menos preçarom de ouirlas. E samto antonio por espiaçom de Deus. achegousse hum dia aa foz de hum rio homde emtraua o mar. E começou em maneira de pregaçom de chamar aos peixes da parte de ds. dizemdo Oo pexees do mar e do rio ouuide a palaura do Senor. Pois que os infiees menospreçom de a ouuir. E logo aquella ora se ajuntarom deante samto antonio tamanha multidom de peixes grandes e pequenos, que numca em aquelas partidas foram vistos em hum tanta multidoem de pexes. E tinham todos as cabeças em cima da agoa. E aly veriades os pexees grandes chegarse aos menores. E os menores pasar pacificamente so as aas dos grandes e estar quedos so ellas. E ueriades aly deuersas semelhanças de pe(i)-xees e cada hum recorer e achegarsse aos seos semelhaues. E estamdo asy como esta o campo hordenado e pintado com deuersidade de collores e de feguras, que he aformosemto marauilhosamente. E asy estauam hordenados os pe(i)xes ante a face de samto antonyo. E ueriades aly aas companhas dos pe(i)xees grandes asy como aazes hordenadas

de caualeiros tomar lugares pera ouu'r a pregaçom. E os peixes meaos tomar os meãos lugares. E assy como emsinados de deus estar em seus lugares sem trocamento. E aly veria des grande multidoem de peixes pequenos achegarsse mais acerca a Santo Antonyo. asy como seu defendedor. que se hiam a elle asy como os pelegynos vao a indolgemcia. Assy que em aquela pregaçom hordenada do ceo estauam em na agua mais baixa os pexes mais pequenos. E mais adiante comtra o maar os pe(i)xes meãos. E os mayores pexes estauam mais adiante honde a agoa era mais alta. E todos estauam deante de sancto amtonio. E elles asy hordenados começou santo antonio de pregar solempnemente Dizendo Irmaos meus pe(i)xes muyto sodes theudos em vosa maneira de cantar e dar graças a deus nosso criador, o qual vos deu por morada tam nobre elamento. Asy que tenhades agoas doces e salgadas segundo que auedes mester. Outrossy por que vos deu muitos acolhimentos pera que fugades aos perigoos das tempestades. Outrossy vos deu sobre todo esto. elamento claro e limpo pera que uejades claramente a carreira por omde andedes e manjares que comades. E esso meesmo o criador vos aministra viandas necessarias por que possades viuer. Outrosy vos ouestes por beemçom de Deus mandamento de ser acrecentados em no criamento do mundo. Outrosy em no deluuiio totalas alimarias que estauam fora da arca perecerom mais vos outros sem dapno e aleigom fostes guardados, mais que totalas outras alimarias. Vos outros sodes afeitados com aas e esforçados com vertude. E andades a huua parte e a outra assy como vos apraz. A vos outros foy dado mandamento de guardar a Jonnas propheta do Senhor. E depois do terceiro dia poello em na terra. e vos destes. auer. a nosso Sor. Jhu xpo quando elle asy como pobre nom tinha domde pagasse o dnrr.<sup>o</sup> do tributo. Vos ante de resurreiçom e depois fostes mangar (manjar) do Rey perdurauell. Por as quaaes cousas todas vos sodes muyto obrigados de louuar e bemdizer ao senhor. do quaall recebestes tantos dooes tam singulares sobre todas as outras alimarias. E a estas palauras e semelhaues amoestamentos alguns pexes dauam vozes e outros abriam as bocas e outros emcrinauam as cabeças louuando ao Senhor com os sinaaes que podiam. E a esta reverencia dos pees alegrousse Santo amtonio em no spritu. E clamando com voz muy alta. dizia. Bemdicto seja Deus pera sempre ca mais homrra dan a Deus os pe(i)xes das agoas que nom os homees hereges. E melhor ouuem as bestas que nom am razom a pregaçom que nom os Infiees em na fee. E quanto santo amtonio pregaua mais tanto mais crecia a multidom dos pexes. E nom se partiam nehuns dos lugares que auiam tomados. Do quall milagre se ajuntou o

poboo todo da cidade. e tambem os dictos hereges. E foram homde estaua Santo antonio. E veemdo o milagre tam marauilhosso. e nom acostumado pongidos em no coraçom asemtaromsse todos aos pees de santo antonio e rogaromlhe que lhes pregasse. E emtan abrio sua boca santo amtonio e pregou tam marauilhosamente da ffe catolica que comuenceu todollos ereges que hi estauam. E enuiuou aos fiees em na fee com grande prazer e beemçam. E os peixes dada lecemça de santo antonio como gozandosse e alegrandose com muytas graças e inclinaçam das cabeças foromsse a diversas partes do mar. E pregando aly santo amtonio por muitos dias fez muy grande fruto convertendo aos hereges e confirmandos em na samta fee catollica.

Fl. 101 v., col. 2.<sup>a</sup> — Do pasamento do sancto padre antonio e dos annos da sua vida quantos foram.

Depois como santo antonio ouuese fartado o poboo de padua com o pasto da palaura de Deus por toda aquella coreesma ataa a cimquoesma porque sse achegaua o tempo de segar as meses pasousse daly a huum lugar apartado. que he dicto o campo de sam pedro porque em aquelle tempo. entremeo das vagaçoões se desse mais proueitosamente a oraçom e ao estudo da samta spritura. E auia aly huum amigo espiciall dos fraires. ho qual mantinha aos fraires das suas proprias despesas. E este recebeu a santo amtonio com grande deuaçom, asy como se fosse anjo emuiado de Deus. E a pedimento seu fez fazer tres celas em huum lugar de montanha. de ramos de muitas aruores. Em nas quaes cellas se desse mais folgamente aa oraçom. e comtenplaçom. E outros dous companheiros seus barroes muy perfectos. s. frey lucas e frey rogeiro. Mais depois de pouco tempo faleceromlhe as forças do corpo. E por emde fezolhe levar ao comueyto de padua. Mais vijmdo a elle muy muyta gente o seruo do senhor fogia aas taaes homrras e alegria. E porende mudouse de aly ao lugar dos fraires seruidores em nos officios deuinaaes e sacramentos das donas pobres, as quaaes morauam em huum moesteiro fora da cidade de padua. E aly acrecemtandolhe a emfirmidade depois que ouue dito palauras de hedificaçom e fectos sinaaes de deuaçom Aquella alma muy Samta pasou de aqueste mumdo a Deus padre. E foram todollos anos de sua vida em esta guisa. El viuco em casa de seu padre quinze aanos. Em no moesteiro de sam Vicente que he na cidade de lixboa dous anos. Em no moesteiro de samta cruz de coimbra noue anos. E depois mais em na hordem de sam francisco dez anos e muito esclarecido por milagres e por muitos sinaaes acabou bem auenturadamente.

Fl. 103, col. 2.<sup>a</sup> — Milagre que sse acomteceo em lixboa cidade de portugall de hum moço.

Em aquella cidade de lixboa hum moço por nome chamado parusio (Apparicio). O quall era da linhagem e parantesco de samto amtonio. foy sse aa Ribeira do mar com outros companheiros. E posseromse em huua barcazinha por maneira de espaçar. E foy logo aquella barquinha mouda de huma tempestade. E com o empuxamento areuataço dos ventos que faziam leuamtou aas ondas do mar e foy somergulhada em no mar aquella barcazinha. E os outros que auiam entrado em ela com o moço eram de mayor hidade. E porque saviam a arte de nadar escaparam. E soo aquelle moço parusio asy como pedra pesada foy logo fondido em no mar. e logo afogado. E ouuindo sua madre aquello. foisse aa ribeira do maar dando grandes uozes e choramdo. E rogou aos pescadores com grandes rogos que lhe tijrasem com aas redes hum filho que lhe aly afogara o maar. por tall que o vise. E fizesse soterrar. E eles lamçando aas redes em no maar percalçaromno e tirarano fora e deramno a sua madre triste. que estaua desejóssa de o veer. E os parentes e os amigos acudirom logo aly chorosos. e leuamrom logo o moço a casa de sua madre. E por tall que lamçassem fora aas agoas que auia bebido, alçaromlhe as pernas pera riba e volveromlhe a cabeça avaiixo. Mais elle nom auia em sy voz nem alguum sinal de uida. E como elles detriminasem comuumente de lhe dar sopultura o dia seguinte. Avendo feuzo sua madre em no Senhor. e em no bem auenturado sancto amtonio. nom no comsentia em nenhuua guisa Mais chamaua muy deuotamente com vozes a samto amtonio, prometendo firmimente que se seu filho resucitasse que ella o daria aa ordem. E no terceiro dia. veemdo todos os que eram presentes. leuamtouse aquelle que era morto e reuiuero. Por o quall milagre todos derom muitos lououres a Deus e a samto amtonio. E a madre d'aquelle moço. nom oluidando o uoto que fizera, quando o moço foy em mayor hidade liuremento o deu aa hordem de sam francisco. O quall fazendo amtre os fraires comversaçom resplamdecete, comtou depois aos fraires aas coussas marauilhosas que Deus auja a elle fecto por o bemauenturado samto amtonio.

Fl. 103, 2.<sup>a</sup> col. — Millagre de hum sobrinho de samto amtonio que foy resucitado.

Em na cidade de lixboa. hum filho de huma irmaa de samto antonio que aueria cimquo anos. Indo a folgar com outros moços. aa Ribeira do mar emtrando em huma barquazinha todos. trastornoussse a barqua e outros sabendo nadar sairomse a ribeira. E aquele mocinho nom sabia nadar que nom era de hidade pera ello, e afogoussse. E depois de

tres oras foy a madre de aquelle moço e tomou o filho morto que ho auiam tirado huuns pescadores. E o padre quiz aao emterrarr. E a madre dizia. Ou me leixade com elle. Ou me emterrade com elle. e tornandosse ella a samto amtonio disselhe. Oo Irmão meu. E sse tu aos estranhos eras piadoso. por ventura seras cruell a tua Irmãa. Sey tu agora piadoso a mym e torne me o meu filho. Ca eu te prometo de o dar a tua hordem ao seruiço de Deus. E logo se o moço leuamtou sãao e salluo. E a madre comprindo o uoto. o moço perseuerou e acabou samtamente em na hordem.

Millagre de huua filha da rainha dona tareja de portugall.

Como hua vegada dona aldonça filha da rainha de portugall dona tareija fosse agrauada por tamanha infirmitade que desemparada já dos fissicos. nom quedaua algua esperança da sua vida. E a Rainha trabalhaua sem alguum remedio de comsolaçom por a morte de sua filha Omde tornandosse a samto amtonio demandaua deuoatamente ha sua ajuda dizemdolhe. Acordate o padre muy samto. que tu deste regno foste nacido. Roga por mym ao senor que outorgue saude a minha filha. E a sobredicta sua filha dona aldonça dormindo hum pouco a meea noyte vyo a samto amtonio que lhe dizia. Por ventura conhecesme. E dizemdo ella que o nom conhecia. diselhe elle. Eu sam samto amtonio o quall vijn a ty chamado polos rogos de tua madre. Onde escolhe tu hua. de duas coussas. ou pagar a diuida da carne e perdoarte a o Senor os teus pecados. E a pena que te he deuvida asy que seras oje commigo em parayssso. Ou se queres quedar ainda ca com tua madre Eu darteeey logo saude. E ella escolheo amtes saude do corpo. E foy logo sãa. E tomando em uisom o cordam que trazia samto amtonio. Começou de chamar aa madre dando vozes. e dizemdo Senhora ex aqui estar samto amtonio O qual me a fecto sãa. E forom diger a madre. E ella hindo a uella com duas donas acharomna saa. E derom todos graças a Deus e a samto amtonio.

Fl. 114, col. 1.<sup>a</sup> — Milagre que acomteceo em beja villa de portugall.

Em beja huua uilla do regno de portugall foy hum barom por nome chamado Pedro poderoso e rico. E auia tanto amor aa ordem dos fraires menores que lhes deu aly lugar pera edificar conuento. E lhes deu outrosy muitas cousas pera os edificios. E como esteuesse emfermo muy gravemente. huua noyte estamdo em sua camara. Velavam quatro fraires com outros muytos e esperauam o seu finalmente. E o dicto Pedro tinha por deuaçom o auito

dos fraires menores com o quall se avia mandado emterrar. Ex que veeperom dous fraires e appareo-lhe hum aa parte destra e outro aa parte seestra. E disselhes hum delles. Pedro conhecenos. E elle respomdeo conheçcuos seer fraires menores. Mais nom ey conhecimento das pessoas. E disse Eu som sam francisco e este outro he samto antonio. E somos emuiados a te consolar e saar de aquesta emfirmidade por a deuçon que tu oueste sempre a nos. E por os beneficios que deste aos meus fraires. aquy em este comuento. E emtam aquele Pedro rogou a sam francisquo que teuesse por bem de bemdizer o auito que el tinha sobre sy. A qual cousa fecta logo lhe desaparecerom ambos. E ell tam aginha comualeceo. que todos os que estauam presentes forom marauilhados. E des emtam viueo ainda doze annos. E non tragia comsigo chaue de alguuns tesouros. Saluo a chaue da arca domde estaua aquelle avito bemdicto. Com o quall morreo depois e foy emterrado.

#### LAMPADA E CAPELLA DE SANTO ANTONIO

João de Sá, thesoureiro da especiaria da nossa Casa da India: Mandamos-vos que hua alampada de prata que em vosso poder é, que se fez pera Santo Antonio d'esta cidade, entregueis aos mordomos da confraria da dita casa; e cobrae d'elles conhecimento pera vossa conta, feito pelo escrivão da dita confraria e assignado por todos, com decraração do que pesa a dita alampada. — Feito em Lisboa a 18 dias de Março. — Alvaro Neto o fez. — Anno de 1518. — Rey.

No verso está o conhecimento. Diz assim:

Sejam certos os que este conhecimento virem como o bacharel João de Belonha, mordomo que ora é do bemaventurado Santo Antonio, conheceu receber de João de Sá, fidalgo da casa d'el-rei nosso Senhor e seu thesoureiro da especiaria da Casa da India, uma alampada de prata que pesou nove marcos e quatro onças e seis oitavas, a qual alampada Sua Alteza mandou fazer e entregar de esmola ao dito Santo Antonio, como se contém n'este alvará de Sua Alteza, e a mandou entregar ao mordomo do dito Santo Antonio; e, porque é verdade que o dito João de Belonha recebeu a dita alampada, como dito é, — lhe foi feito este conhecimento por mim, Estevam Gonçalves, escrivão que ora são, da capella e confraria do dito Santo, o qual dou de mim fé lh'a carregar em receipta no livro de seu recebimento d'este anno presente, e portanto lhe foi feito este conhecimento e assignado por ambos, a 23 dias de março de 1518.

João de Bolonha — Estevam Gonçalves.

Corp. chron. — 1-23-30.

«Quanto á capella que mandamos fazer em Sant'Antonio, houvemos prazer com as novas que nos d'isso enviastes; e havemos por bem que o retabulo se faça; e, pois não achaes quem o queira fazer por

menos dos vinte mil réis, seja embora; e concertae com el'e e seja de muito boas tintas e pintura. E a abobada, que dizeis que mandaes fazer de bardos, tambem queremos que seja pintada d'algunha boa pintura e invençom, qual vós virdes que será melhor, com conselho d'alguns pintores; — com suas chamas douradas, e assi os cordões, per partes ou todos, segundo parecer melhor; e nos campos tambem terá algum ouro, segundo virdes que será melhor. E, se algum dinheiro sobejar, depois de todo feito e acabado, seja pera ajuda de outro retabulo principal, como dizeis »

Trecho d'uma carta de D. Manuel a Garcia Mo-niz, thesoureiro da Moeda de Lisboa, escripta em Almeirim, a 4 de janeiro de 1514.

Corp. chronol. — I, 14-44.



Santo Antonio de Padua

Gravura portugueza que se encontra em: — *Ho Flos sanctorum em lingoagem portugues. Lixboa, per Herman de campis bombardeiro delrey. e Roberte rabelo. 1513. in-fol. A fl. 243. col. 1.ª A vida e fim do beaventurado sancto antonio de padua. A gravura está no começo da col. 2.ª A vida do santo está entre os extravagantes, depois da ordem do calendario. Deve ser a 1.ª grav. do santo impr. em Portugal.*

#### OS FRAGÕES DE S. PEDRO DE VALLE DE NOGUEIRAS

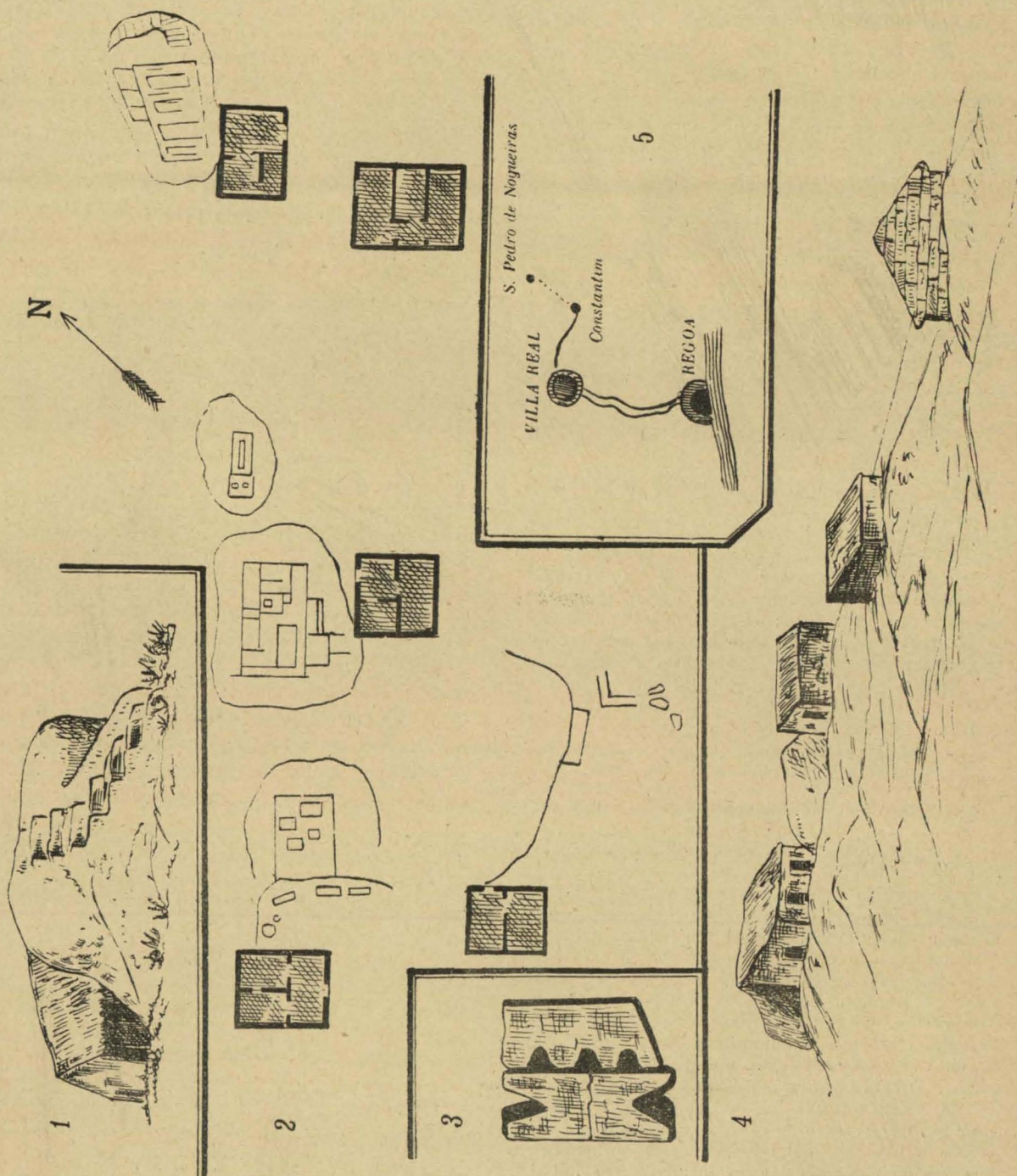
Em junho de 1880 eu estava em commissão nos archivos da Universidade de Coimbra. Pela celebração do centenario camoniano a reitoria deu uns feriados, que aproveitei fazendo uma rapida excursão a Lamego e Villa Real de Tras-os-Montes. Muito havia que tinha desejo de vêr as celebradas fragas de Panoias.

Do Porto á Regoa em ferro-via, e em diligencia

da Regoa a Villa Real, entre montes socaleados, vestidos dos riquissimos vinhedos já então atacados pelo phylloxera; seguindo uma estrada de macadam, n'uma poeirada de greda e schisto que deu aos pas-

paizagem ampla e accidentada, a que o vulto severo de Marão dá um ar grandioso.

Constantim é uma villa archaica, um agrupamento de casas formadas de grandes cantos de gra-



ageiros um aspecto de figuras de barro antes da cosedura.

Chegado ao entardecer. Depois de varias pesquisas, encontrei um carteiro rural que partia para Constantim de Panoias no dia seguinte, cedo. Os arredores de Villa Real tem um bello aspecto;

nito pardo escuro. Tem foral do conde D. Henrique, e algumas das casas podem ser tão velhas como o foral. De Constantim á igreja da freguezia de S. Pedro de Valle de Nogueiras, por entre terras cultivadas, vinhas rasteiras, milhos e linhos.

N'um muro de cercado, proximo da igreja, vi

pedras lavradas, collocadas alli como material para encher; grandes pedras de granito dentadas, cujo uso ou applicação não é facil determinar: meia hora depois estava nos fragões de Panoias. Uma lombada alta, de grande horisonte; alguns casebres pobres por entre as grandes fragas, que estão na sua posição natural.

O aspecto é de rochedos naturaes, conservando as suas linhas irregulares, porque os lavores estão na face superior. Um dos fragões tem sua escada, escavada rudemente; sobem-se os degrãos e fica-se tomado de admiração perante aquelle trabalho. Como o granito é muito denso, rijo e fino, tem conservado na sua plena nitidez arestas, cavidades e planos inclinados.

Em Argote (*Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga... escriptas pelo padre D. Jeronymo Contador de Argote, T. 1.º, Liv. II, pag. 325 e segg. Cap. VII. Da cidade de Panonias, e das antiguidades e vestigios que actualmente existem d'ella*) podem vêr-se gravuras d'estes monumentos.

As inscripções aos Deoses Severos, etc., estão nos lados de uma fraga, no extremo do grupo. Uma das fragas foi arrasada, mas ainda mostra vestigios do trabalho.

As inscripções vem em Argote e em Hubner, Corpus, p. 335. As tres pégadas de que falla Argote estão a pouca distancia das inscripções; creio que seriam apoio de estatuas.

A face superior da grande fraga onde estão as inscripções tem cavidades circulares, e poucos sulcos sem lavor algum. Esta fraga com certeza tinha um fim cultual. Nas outras nada vi que indicasse culto; creio teriam um fim industrial. Mas para que tão extraordinario trabalho? Estar a abrir cavidades, capazes de conter dois metros cubicos, em granito rijo; enormes finas molduradas de outras cavidades menores, de pequenos planos inclinados, de sulcos perfeitissimos?

Parece-me evidente, á vista de varias circumstancias do lavor, por exemplo, series de buracos, ranhuras profundas, etc., que o trabalho feito nas fragas era acompanhado de peças moveis, grades, tampas, pequenas divisões ou comportas.

Não fará mal aventar uma conjectura. Seriam aquellas cavidades, planos inclinados e sulcos destinados á lavagem de minerios ricos, sujeitos a longos processos de successiva depuração?

A gravura representa uns desenhos que fiz na visita de algumas horas; o aspecto geral das casas e fragões no alto de Panoias; uma planta approximada para mostrar a disposição das fragas no terreno; outra indicadora do caminho; duas pedras lavradas do muro do passal de S. Pedro.

Em um d'esses humildes casebres, uma rapariga

pisava milho miudo n'um enorme gral de pedra, afunilado, com uma grande mão de madeira.

Como é natural, varias pessoas da localidade fizeram grupo em volta do forasteiro; e apontaram-me sitios que se avistavam onde, diziam, havia cousas muito antigas. E todos concordavam em que era no Suajo, cujas alturas se avistavam nitidamente, que havia muitas antiguidades, pedraria faciada a esmo, restos de muitas cidades.

Um mais sabedor, que andava em trabalhos de estradas, affirmava que se houvesse bom caminho para transporte, só essa pedraria bastava para pontes e supportes, casas de guarda e caneiros de todas as estradas da provincia.

À volta passei pela casa de Matheus (Villa Real), homenagem casual ao illustre amigo dos *Lusiadas*, nota agradável n'aquelle periodo de festa camoniã.

G. PEREIRA.

## TORRE DOS COELHOIROS

Solar dos Cogominhos

É um solar digno de estudo. Fica a uns 18 kilometros a sul de Evora, campeando entre montados de azinho e sobro. Pertence hoje á casa Monfalim. A gravura representa a face norte que mostra, bem desembaraçada das construcções mais modernas, a grande torre. Na outra face segue a frontaria do palacete, renovada nos fins do seculo xvii, com snas escadas salientes que davam para jardins e hortas. N'este como em outros solares, as construcções proclamam a historia da formação do edificio; lê-se nos cunhaes a successão, a ampliação da casaria. Os primeiros Cogominhos contentaram-se com a torre; depois fizeram alas só com pavimento terreo; no começo do seculo xvi ergueram o segundo pavimento para salões.

Ha vinte annos entrei pela primeira vez no palacio da Torre dos Coelhoiros.

Ninguém acudia ao meu chamado; depois ouvi uma voz de velho, em lamento; fui entrando. Em uma sala de boa proporção, as paredes forradas de azulejos em rodapé de metro e meio de alto, e sobre o rodapé, de *grisalhas*, pintadas a oleo em teia, representando scenas de caça; a uma grande chaminé de marmore branco, de elegante trabalho, estava um velho, quebrado pela idade e pelas quartans, aquecendo uma infusão qualquer n'um precioso bule de velho Japão. Mais ninguem no palacio. Em outros salões havia moveis antigos, espelhos, louças, grandes jarras de vidro, leitos armados com os tecidos cheios de pó; alguns quadros, de pouco merito artistico, mas de valor historico, or-

navam as paredes, façanhas de Cogominhos; o primeiro entregando as 5 chaves de Evora a D. Afonso Henriques. Pelos vidros quebrados das janellas entravam andorinhas, que tinham feito ninhos nos altos relevos terminaes dos tremós e das cabeceiras, na meia cana do friso; uma hera de muitos annos entrara por uma fenda e forrava pittorescamente um tecto de estuque, alto, com figuras pagãs, de nudezes graciosas. Era uma tristeza e um encanto. O velho era honesto, coitadinho; eu quiz vêr se me vendia o bule e outros objectos; a nada cedeu. Que era o guarda, guardava; mas se isto está a estragar-se? dizia eu; mas se o dono assim é que quer, ora é boa! dizia elle.

Agora não sei se resta alguma cousa; as ultimas gerações de proprietarios, creio, que nem teem sabido o caminho do velho solar. Proximo está um logarejo e uma ermida, tambem velhinha e abandonada, com algumas campas dos primeiros fidalgos, os Cogominhos, com suas espadas e lanças esculpidas ao lado do braço das cinco chaves.

Falla-se da *Torre dos Coelhoiros* n'um folheto bem curioso: — *Torre do Amor. Epithalamio nas faustissimas nupcias do senhor Diogo Xavier de Mello Cogominho, senhor da Torre dos Coelhoiros, etc., com a senhora D. Maria Victoria de Moraes Moniz de Mello. Composto por Joachim Joseph Moreira de Mendonça. Lisboa, officina de Antonio da Sylva. 1747, in-4.º*

N'este folheto poetico se descreve a torre:

.....  
Hum excelso edificio se descobre,  
.....  
A torre bella, que melhor se exorna  
Com produções das terras portuguezas,  
Unindo variedades, e grandezas.  
.....

Ainda no meio do seculo XVIII havia grandes festas fidalgas nos velhos solares, nas grandes propriedades ruraes. Como passou na sociedade portugueza este habito de passar uma temporada no campo? Não passou em França, na Inglaterra!

Agora vae tudo para as caldas, para as praias... que encantos nos *chalets*, nos *clubs*!

Que falta de amor, de cultura, de gosto, de tradição que isto revela!

G. PEREIRA.

## RUINAS NA ZAMBEZIA

Teem chamado as atenções dos eruditos algumas publicações recentes de viajantes inglezes, a respeito dos vestigios de antiquissima civilisação encontrados na Zambezia. Nós publicamos n'este numero duas gravuras mostrando fragmentos de muralhas, que dão idéa de tão singulares construcções.

No livro de E. P. Mathers — *Zambezia, England's El Dorado in Africa*, se podem vêr outros desenhos. Ora achamos util demonstrar que auctores portuguezes de varias epocas se occuparam das ruinas e, caso notavel, trataram da sua origem, não variando muito as suas hypothesises das modernamente propostas. As muralhas são em geral construidas de pedras de granito, faciadas, de varias dimensões. Ha grossas paredes circulares,

outras em linhas quebradas. Algumas das construcções attingem 160 a 180 metros de diametro. Ha uma torre perfeitamente cylindrica até certa altura, seguindo depois um cone truncado. A questão das inscripções ou lettreiros está ainda por decidir. Serão effec-

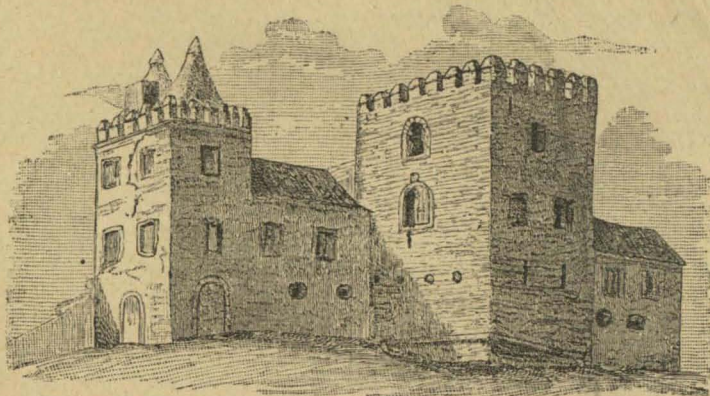
tivamente inscripções sabéas? A ornamentação em angulos entre fiadas parallelas é bem manifesta.

Ha representação de animaes; e uma pedra circular, com cinco zonas concentricas, de saliencias semi-esphericas, que recorda alguns trabalhos pre-historicos da Europa.

Como a parte historica se não deve olvidar, reunimos aqui alguns trechos portuguezes sobre essas ruinas.

Para nós a collecção d'estes trechos demonstra que de ha muito taes vestigios mereceram attenção aos nossos viajantes illustrados, militares ou missionarios, que desvendaram aos modernos essas regiões africanas. Que os recentes viajantes politicos, commerciantes, aventureiros e caçadores nos esqueçam, não admira; mas diga-se sempre alguma cousa aos homens de sciencia, que tanto devem a este pequeno povo portuguez, que não singrou só os mares, penetrou tambem pelos sertões, sem bulha, muito antes das algumas vezes fecundas, mas frequentemente espalhafatosas viagens e explorações dos modernos aventureiros.

G. PEREIRA.



Torre dos Coelhoiros

## As antiguidades de Monomotapa nos escriptores portuguezes

### 1.º

«No meio do qual está hua fortaleza quadrada toda de cantaria de dentro e de fora mui bem lavrada, de pedras de maravilhosa grandeza sem apparacer cal nas juntas della: cuja parede he de mais de vinte cinco palmos de largo, e a altura não é tão grande em respeito da largura.

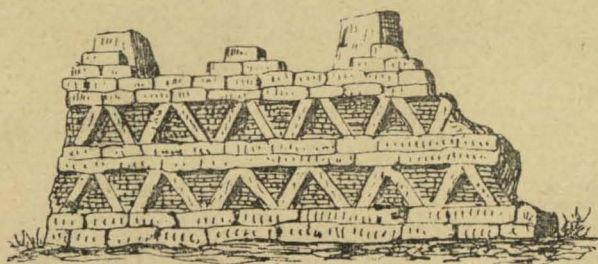
E sobre a porta do qual edificio está um letreiro que alguns mouros mercadores que ali foram ter, homens doutos, não souberam ler nem dizer que letra era: e quasi em torno deste edificio em alguns outeiros estão outros a maneira delle no lavramento de pedraria e sem cal, em que ha uma torre de mais de doze braças.

A todos estes edificios os da terra lhe chamam Symbaoe, que acerca delles quer dizer côrte, porque a todo lugar onde está Benomotapa chamam assim; e segundo elles dizem deste por ser cousa real tiveram todas as outras moradas d'elle rei tal nome.

Tem um homem nobre que está em guarda delle ao modo de alcaide mór, e a este tal officio chamam Symbacáio, como se dissessemos guarda de Symbaoe; e sempre nelle estão algumas das molheres de Benomotapa de que este Symbacáyo tem cuidado.

Quando ou per quem estes edificios foram feitos, como a gente da terra não tem letras, não ha entre elles memoria d'isso, somente dizerem que é obra do diabo, porquê comparada ao poder e saber delles não lhe parece que a podiam fazer homens: e alguns mouros que a viram mostrando-lhe Vicente Pegado, capitão que foi de Sofala, a obra daquella nossa fortaleza, assim o lavramento das janelas, e arcos, pera comparação da cantaria lavrada d'aquella obra, diziam não ser cousa pera comparar segundo era limpa e perfeita.

A qual distará de Sofala pera o ponente per linha direita pouco mais ou menos cento e setenta legoas, em altura entre 20 e 21 grãos da parte do sul, sem por aquellas partes haver edificio antigo nem moderno; porque a gente é mui barbara e todas suas casas são de madeira; e per juizo dos mouros que a viram parece ser cousa mui antiga, e que foi ali feita pera ter posse daquellas minas que são mui antigas em as quaes se não tira ouro ha annos por causa de guerras.



E olhando a situação e a maneira do edificio metido tanto no coração da terra, e que os mouros confessam não ser obra delles por sua antiguidade, e mais por não conhecerem os caracteres do letreiro que está na porta; bem podemos conjecturar ser aquella a região a que Ptolomeu chama Agy-symba onde faz sua computação meridional, porque o nome della e assim do capitão que a guarda em alguma maneira se conformam, e algum delles se corrompeo do outro. E pondo nisso nosso juizo, parece que esta obra mandou fazer algum príncipe que naquelle tempo foi senhor destas minas como posse dellas; a qual perdeu com o tempo, e tambem por serem mui remotas, de seu estado, ca por a semelhança dos edificios parecem muito a outros que estão na terra do Preste João em um lugar chamado Acaxumo, que foi uma cidade camara da rainha Sabbá a que Ptolomeu chama Axumá, e que o príncipe senhor deste estado o foi destas minas, e per razão dellas mandou fazer estes edificios ao

modo que nos ora temos a fortaleza da Mina e esta de Sofala.»

(Capitulo 1.º do livro decimo da 1.ª decada da Asia de João de Barros: *Dos feitos que os portuguezes fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do oriente*).

### 2.º

«Capitulo onze. Da serra chamada Fura, e de huas ruínas antigas, que dizem foram Feitoria da Rainha Sabbá, ou de Salamão.

Perto da povoação de Massapa está huma muito alta e grande serra, que se chama Fura, donde se descobre muita parte do reino do Manamotapa, e por esse respeito não consente o rei que os portuguezes subam a esta serra, por lhe não cobicarem a grandeza e fermosura de suas terras, onde estão escondidas tantas e tão grossas minas de ouro.

No alto desta serra estão inda em pé uns pedaços de paredes velhas, e umas ruínas antigas de pedra e cal, que bem demostram estarem ali já casas e aposentos fortes, cousa que não ha em toda a Cafraria, porque até as casas dos reis são de madeira, barradas com barro, e cobertas de palha.

Dizem os naturaes destas terras, e particularmente alguns mouros antigos, que tem por tradição de seus antepassados, que aquellas casas foram antigamente Feitoria da rainha Sabbá, e que daqui lhe levavam muito ouro pelos rios de Cuama abaixo, até o mar Oceano Ethiopico, polo qual navega-

vam em navios, indo sempre correndo a costa da Ethiopia até o mar Roxo, e entrando por elle acima, navegavam até chegarem ás praias que confinam com as terras do Egypto... (seguem algumas considerações sobre a cidade Sabbá)... Outros dizem que estas ruínas foram Feitoria de Salamão, onde tinha seus feitores, que lhe levavam muito ouro destas terras.»

(*Ethiopia oriental*, de fr. João dos Santos; impressa no convento de S. Domingos de Evora, por Manuel de Lyra, 1609, in-fol. Liv. 2.º—pag. 56 v.)

### 3.º

1.º Tem-se noticia que no sertão destas terras, e alguns dizem que é na corte do Monomotapa, ha uma torre ou edificio de cantaria lavrada, que mostra com evidencia não ser obra de negros natuaes da terra; mas de alguma nação politica e poderosa, como gregos, romanos, persas, egypcios ou hebreos, e dizem que esta torre, ou edificio chamam os natuaes *Simbaloe*; e que nella ha um letreiro em lettra desconhecida.

E porque ha muitos fundamentos para se entender que esta terra é o

Ophir, a que Salamão mandava as suas frotas em companhia dos Phenices, e se poderá estabelecer esta opinião com evidencia indubitavel, se se achar esta clareza naquelle letreiro, e alli não haverá quem o leia, se for em lingua grega, persica ou hebraica; será preciso que se mande vir impresso em cera, ou outra qualquer materia, que conserve as letras e figuras, mandando que o letreiro primeiro se limpe muito bem.

2.º Tambem será conveniente que se examine se naquellas terras ha uma serra, ou sitio, a que chamam Ofura, e em que distancia fica da marinha, e portos do mar, e se nella ha minas de prata ou ouro.

Estes são os primeiros numeros do questionario da Academia Real de Historia Portugueza, para subsidio da Historia Ecclesiastica das conquistas, feito em março de 1721. Vide—Acad. R. Hist. Portugueza, Carta do secretario de Estado ao V. Rei sobre as noticias, que se pedem para a Academia. «O Chronista de Tissuary»: redactor Cunha Rivara, Nova-Goa, 1869—Vol. 4.º, n.º 37, pag. 14.

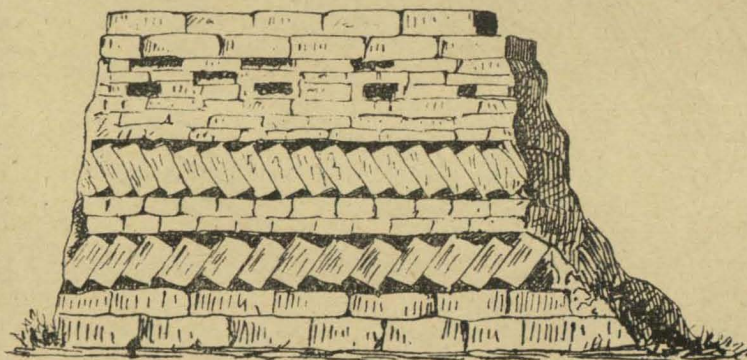
No mesmo «Chronista de Tissuary», n.º 38,

pag. 43, apparece a resposta a estes quesitos.

Resposta dada pelo rev.º administrador episcopal de Moçambique e Rios, o mestre fr. Manoel de Santo Thomas, ... ás diligencias que S. Magestade... manda se façam nestes rios de Senna pera se inquirir a verdade das materias contheudas nos capitulos abaixo...

... Senhor. Por todos os meios possiveis mandei fazer a diligencia, que S. M., que Deos guarde, ordena sobre as materias conteudas na copia adjunta da sua carta; e o que só se pôde descobrir quanto á primeira pergunta: é o dizer-me o capitão mor dos reinos de Manica Hyeronimo de Faria Peixoto, homem portuguez, que ha mais de trinta annos assiste nestes Rios, e foi morador na mesma Manica em tempo, que lá tinhamos povoações e terras, que seu sogro Thomé Lopes, homem de toda a verdade, varias vezes lhe contava que

nas terras do reino de Mahongo, que faz divisão com o reino da Manica e Quiteve, em varias rochas se encontravam muitas figuras de camellos, cachorros, e bofetes, e letreiros feitos nas mesmas rochas, tudo de bastante grandeza, que pela tradição



dos cafres se dizia serem memorias, que deixaram os Abexins, quando a rainha Sabbá viera com a sua armada junto a Sofala, e na bocca do Rio Sabbea (que sem duvida da rainha Sabbá tomou o appellido), que divide as terras de Mambone, e Inhamuere, costa que vae correndo para Inhambane, deixando em franquia as náos, entrara em barquinhas pelo rio acima, que vai dividindo as terras do rei Quiteve, e do imperador Manamotapa, e desembarcando no reino de Mahongo fôra por aquellas terras dentro com a sua gente a buscar ouro para o templo de Salamão... que da costa ao lugar em que estão as figuras e letreiros... serão, em linha recta 80 legoas...

Quanto á 2.ª pergunta... não ha serra ou sitio que se chame Ofura...

... (sobre a palavra *Zimboaé*)... os mesmos reis dos cafres nas suas côrtes a que chamam *Zimboaé*, que na nossa lingua portugueza vale o mesmo que corte de rei: e assim todas as vezes que os reis se mudam de uma parte para outra, se muda o *Zimboaé* tambem.

(*O Chronista de Tissuary*, n.ºs 37 e 38).

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno»  
de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

**Abbedim** — freg., concelho de Monsão. — Ruínas de uma torre, demolida no século xv, e a que chamam ainda «Castello de S. Martinho da Penha.» Proximo da torre ha tres *caixões* de tijolo, que parecem sepulturas. Duas cavernas.

**Abelhas** (serra das) prox. do rio Tavora, conc. de Aguiar da Beira. — Ao fundo d'esta serra, vestígios de alicerces de um grande castello mourisco.

**Abelheira** — serra, conc. de Miranda. — No sitio chamado *Castellinhos*, vestígios de fortificações mouriscas.

**Abiul** — villa, conc. de Pombal. — Ruínas de um grande palacio dos duques de Aveiro e de outras casas nobres.

**Abragão** — freg., conc. de Penafiel. — No sitio, actualmente chamado «Campo do Santo», descobriram-se em 1717 varias sepulturas razas e um sumptuoso tumulo de pedra. — Mausoléo na igreja matriz, fundada pela rainha Santa Mafalda.

**Abrantes** — villa e concelho. — Templo de S. Vicente, cuja primitiva fundação se attribue aos godos. — Igreja de Santa Maria do Castello, cujo fundador se ignora, e que entre muitos objectos artisticos de grande primor encerra os mausoléos de Diogo Fernandes de Almeida e de D. Antonio d'Almeida, da familia dos marquezes d'Abrantes. — N'uma lapida collocada ha poucos annos de baixo da abobada da principal porta do castello, vê-se uma inscripção, em que se faz a historia d'este monumento. — Conventos: de frades dominicos, fundado em 1509; de frades de Santo Antonio, na *Abrança*, em 1526; de freiras (Nossa Senhora da Graça) em 1384, e de Nossa Senhora da Esperança, cuja data de fundação é desconhecida. — Veja-se: *Abrantes*, 1.º numero do *Archivo dos Municipios Portuguezes*; *As cidades e villas da monarchia portugueza que tem brazão d'armas*, por Iguacio de Vilhena Barbosa; *Archivo historico de Portugal*; *narrativa da fundação das cidades e villas do reino, seus brazões d'armas*, etc. (1889), vol. i.

**Abreiro** — villa, conc. de Lamas d'Orelhão. — Vestígios de uma fortaleza romana, ou arabe, no alto, onde está a capella de Santa Catharina.

**Abrigada** (Nossa Senhora da Graça da) freg., conc. de Alemquer. — Igreja matriz, fundada no sec. xiv. Ao pé da sacristia ha uma campa com a inscripção já illegivel, e que é sepultura de Gonçalo Vaz de Araujo, fallec. pelos annos de 1620, e de outras pessoas de sua familia. — *Archivo historico*, vol. i, pag. 31.

**Açores** — villa, conc. de Celorico da Beira. — Na capella mór da igreja, que foi reedificada pelos annos de 1790, ha um tumulo com uma inscripção referente a 704 (era de Cesar). — *Archivo historico*, vol. i.

**Açores** — pequena serra, freg. de Santa Maria das Medas, conc. de Gondomar. — Tem doze profundos *fójos*, que se diz terem sido minas de ouro dos romanos ou dos arabes.

**Adeganha** — freg., conc. da Alfandega da Fé. — Restos de um antigo castello mourisco e vestígios de muros de uma cidade cujo nome se ignora.

**Adrião** (Santo) — freg., conc. de Armamar. — Ves-

tígios de construcções antiquissimas nas margens do rio Têdo, e uma galeria obliqua, na margem direita, para extracção de metaes, ou uma especie de tunnel que atravessa o rio, pondo em communicação subterranea as fortificações das duas margens. N'estas immediações teem apparecido sepulturas abertas na rocha.

**Affe** — freg., conc. de Vianna do Castello. — No monte de Santa Luzia ha o sitio que ainda hoje se chama *Cividade* e o que é conhecido pelo nome de *Osseira*, onde se vêem as ruínas de um castello que o povo denomina *Crasto dos mouros* e tambem *Cividade*. Explorações feitas em 1877 no alto d'este monte pelo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, illustrado presidente da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes. Descoberta de monumentos megalithicos e de outros objectos archeologicos. — Convento de S. João de Cabanas, fundado por S. Martinho de Dume, em 870.

**Agares** — aldeia de Traz-os-Montes, freg. de Villa Marim. — Perto d'esta aldeia existem ainda as ruínas de um castello e suas muralhas. Suppõe-se que é construcção arabe.

**Agrêllo** — aldeia, freg. da Figueira de Lervão. — Grande concavidade abria a picão em rocha viva, ao fundo do *Valle do Cavallo*.

**Aguas** — freg., conc. de Penamacor. — Muralha e reducto.

**Aguas Santas** — freg., conc. da Maia. — Igreja antiquissima, reedificada pelos templarios. — Veja-se: *Relatorio e mappas ácerca dos edificios que decem ser classificados monumentos nacionaes* — apresentado ao governo pela Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes, em conformidade da portaria do Ministerio das Obras Publicas de 24 de outubro de 1880.

**Agueda** — villa e concelho. — A E. da igreja matriz, um cruzeiro antiquissimo, chamado *dos mortos*; tem uma inscripção illegivel. Proximo ha outro, o do *Calvario*, de boa architectura. — Veja-se: *Archivo historico*, vol. i; *O districto de Aveiro*. Noticia geographica, estatistica, chorographica, heraldica, archeologica, historica e biographica da cidade de Aveiro e de todas as villas e freguezias do seu districto, pelo sr. Marques Gomes.

**Aguião ou Aguian** — freg., conc. dos Arcos de Valle de Vez. — Torre no meio das casas da quinta de Aguian.

**Aguiar** — rio, Beira Baixa. — Junto á sua foz e sobre um alto e penhascoso monte estão as ruínas de uma grande povoação murada.

**Aguiar** — freg., conc. de Barcellos. — Torre ou castello de Aguiar do Neiva.

**Aguiar da Beira** — villa e concelho. — Ruínas de um castello romano, de cantaria, junto á capella de *Nossa Senhora do Castello*. — Poço antiquissimo, com ameias. — Castello do tempo d'el-rei D. Diniz. — Torre do relógio. — *Archivo historico*, vol. i.

**Aguias ou Brotas** — villa, conc. de Mora. — Tem uma torre com ameias, guaritas (ou almenaras).

**Aguias** — freg., Beira Alta. — A igreja matriz pertenceu ao convento de frades bernardos de S. Pedro das Aguias.

**Ajuda** — freg., conc. de Lisboa. — Palacio real. Proximo de um dos lagos do jardim botanico estão duas estatuas de guerreiros; são de granito e

cinzeladas toscamente; ha quem as attribua aos phenicios, e outros supõem que foram obra dos antigos lusitanos.

**Aia** — serra, junto á villa de Penas Royas, com. de Miranda. — Segundo a tradição, aqui habitaram mouros. No alto d'esta serra ainda se vêem ruínas de edificios, ruas, praças, e ao fundo uma fonte.

**Alandroal** — villa e concelho. — Castello com sete torres em redor, ao centro a de menagem com uma inscripção e tres portas, sendo a principal entre duas torres, cada uma com a sua inscripção. «Sobre outra porta está a cruz de Aviz, com duas aguias, dos braços da cruz para baixo, e d'elles para cima, dois grillhões (como os da ordem de Calatrava) e ao pé umas letras que dizem: *mouro me fez.*» A porta da torre que está sobre o muro, tem uma inscripção. A capella de S. Miguel, n'este concelho, proximo da villa de Terena, foi construida sobre as ruínas do templo dedicado pelos lusitanos a *Endovelico* ou *Cupido*. — Vestigios de construcções da villa primitiva em *Villares*. — Ha indicios de que os romanos ou os arabes exploraram as minas de alguns outeiros da Graça, termo d'esta villa. — *Archivo historico*, vol. 1.

**Albardos** ou **Alvados** — serra, com. de Leiria. — Um arco de pedra, no alto da serra, com uma inscripção commemorativa da supposta doação de terras que D. Affonso I fizera a S. Bernardo em 1147. — No *Cabeço de Turquel* existe uma extensa gruta, formada por grandes rochedos, a qual em 1869 foi visitada pelo sr. Possidonio da Silva. Este illustre investigador achou alli camadas de cinza e de ossos, o que fez suppor que a gruta se destinasse para necropoles ou jazigo de restos mortaes dos primitivos habitantes. Em consequencia das difficuldades que oppoz ram os pastores da serra, não proseguiram as investigações. — Na mesma occasião da sua visita viu o sr. Possidonio da Silva um dolmen perfeitamente conservado, na distancia de 1 kilometro da gruta. — *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nacionaes*.

**Albergaria a Velha** — villa e concelho. — Albergaria, fundada pela rainha D. Thereza, mulher do conde D. Henrique (1120). — Veja-se: *Archivo historico*, vol. 1; *O districto de Aveiro*, pelo sr. Marques Gomes.

**Albufeira** — villa e concelho. — Castello em ruínas. — A igreja da Misericordia foi mesquita de mouros. — Debaixo das rochas ao sul da villa ha uma caverna chamada *Cova do Xorino*. — Vide: *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Archivo historico*, vol. 1.

**Alcacer do Sal** — villa e concelho. — Castello romano em ruínas. — Restos de grandes edificios arabes e outras antiguidades. — Na capella da igreja de Santo Antonio, pertencente ao convento dos frades franciscanos, existiu uma inscripção, do tempo do rei godo Swintilla, que em 1844 foi achada pelo dr. Domingos Garcia Peres, e que está hoje em Setubal. — Necropole achada em maio de 1873 n'uma propriedade do sr. Antonio de Faria Gentil: urnas de diversos tamanhos, no estylo etrusco; fibulas de bronze; vasos lacrimatorios; alampadas mortuarias; moedas romanas; um retrato, em argilla, coberto de estuque colorido; etc., etc. — Museu archeologico em uma sala dos paços

do concelho. — Veja-se: *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nacionaes*; *Archivo historico*, vol. 1; *Archeologo portuguez*.

**Alcaçovas** — villa, conc. de Vianna do Alemtejo. — Castello arabe, em ruínas. — No convento de S. Domingos, proximo d'esta villa, fundado por Henrique Henriques no sitio e com os materiaes de uma fortaleza ou castello romano, acharam-se medalhas e armas romanas. Eguaes achados tem havido no monte proximo á villa. — Convento de frades dominicos, fundado em 1541. — Veja-se: *Breves memorias da villa de Alcaçovas*.

**Alcanede** — villa, conc. de Santarem. — Castello romano, em ruínas. — Em 1710 e em diferentes epocas anteriores e posteriores a esse anno tem apparecido n'estes sitios diversas moedas de cobre e prata, romanas. — Igreja matriz fundada por D. Affonso I (?).

**Alcantara** — freg., conc. de Lisboa. — Palacio real de Alcantara, vulgarmente chamado do Calvario. — Na ponte que até ha poucos annos existiu n'este sitio, havia a estatua de S. João Nepomuceno com uma inscripção. Essa estatua encontra-se actualmente no Museu do Carmo. — Conventos: de franciscanas (flamengas), fundado por Filipe II; e o do Calvario, fundado em 1600 por D. Violante de Noronha.

**Alcantarilha** — villa, conc. de Silves. — Forte de Santo Antonio.

**Alcaria** — freg., conc. de Porto de Mós. — Grutas em que se encontraram ossos humanos; talvez de tempos prehistoricos.

**Alcaria Ruiva** — freg., conc. de Mertola. — Alicerces de um grande edificio, talvez um castello arabe, a que chamam *os castellos*; e ruínas de construcções romanas, ou arabes.

**Alcobaça** — villa e concelho. — Castello gothico, do vi ou vii seculo; reedificado e ampliado pelos arabes em 716; hoje em ruínas. — Convento de monges de Cister, onde jazem D. Affonso II, D. Affonso III, D. Pedro I, as rainhas D. Urraca, D. Brites e D. Inez de Castro, muitos infantes e infantas, e D. Pedro Affonso, irmão de D. Affonso I. — Capella de Nossa Senhora do Desterro, de primorosissima architectura da renascença, fundada pelo monge de S. Bernardo, fr. João Paim. E' contigua á cerca do convento e serve para deposito dos defunctos. O seu fundador para aqui trouxe de Roma o corpo de Santa Constança, que está n'um «rico e brincado caixão.» — Museu do sr. Natividade. — Leia-se: a notavel obra de Vilhena Barbosa, *Monumentos de Portugal historicos, artisticos e archeologicos*; *Archivo historico*, vol. 1; *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nacionaes*; *O mosteiro de Alcobaça* — notas historicas pelo sr. M. Vieira Natividade (Coimbra, 1885); *Descripção succinta do mosteiro de Santa Maria e Brevissima noticia do que ha digno de ver-se na villa e concelho d'Alcobaça* (1892).

**Alcobertas** — serra, conc. de Santarem. — Uma extensa gruta, proximo de Alcanede.

**Alcochete** — villa e concelho. — Igreja matriz antiquissima, reedificada pelo rei D. Manuel. — *Archivo historico*, vol. 1.

**Alcoentre** — villa e concelho. — Igreja matriz fundada em 1340 por Affonso Annes, de Alemquer.

**Alcoutim** — villa e concelho. — Castello em ruínas. — Vestigios de fortificações muito antigas no serro de Santa Barbara. — Inscrição latina proximo á porta de Tavira. — *Archivo historico*, vol. 1.

**Aldeia Gallega da Merceana** — villa, conc. de Alemquer. — Na igreja matriz, de tres naves, fundada em 1525 por D. Leonor, mulher de D. João II, ha bons azulejos, representando scenas biblicas, e debaixo do arco cruzeiro uma campã raza com inscripção. — *Archivo historico*, vol. 1, pag. 32.

**Aldeia Gavinha** — freg., conc. de Alemquer. — Teem apparecido alicerces de casas e cippos com inscripções romanas. — Na capella mór da igreja matriz ha duas campas com inscripções legiveis e outras que já se não podem ler. Tambem ha inscripções na sacristia e defronte do arco cruzeiro. — *Archivo historico*, vol. 1.

**Alegrete** — villa e concelho. — Castello e muralhas, do tempo d'el-rei D. Diniz. Torre de cantaria primorosamente lavrada.

**Aleixo** (Santo) — villa, conc. de Moura. — Castellos, ruínas de alguns, e vestigios de fortificações muito antigas.

**Alemquer** — rio. — Nove pontes e uma torre alta. A ponte do Espirito Santo, na villa de Alemquer, foi concluida em 1571; tem uma inscripção.

**Alemquer** ou **Alanquer** — villa e concelho. — Por varias vezes se tem aqui encontrado muitas lapidas, cippos, moedas e inscripções romanas. — Castello fundado pelos romanos ou pelos alanos; já existia em 715, ao tempo da invasão arabe. — Torre a meio do monte, unico vestigio que resta da igreja de S. Thiago, fundada por D. Affonso I. — *Porta do Carvalho* junto ás casas da camara. — *Torre da Couraça*. — Ruínas do convento de freiras franciscanas, fundado em 1533 por João Gomes de Carvalho. — Padrão da ponte do Espirito Santo. — Túmulos da igreja matriz de Santo Estevão, debaixo da arcaria, no corredor que vae para o côro. N'elles estão esculpidas umas espadas como as dos *carvalheiros do Templo*. Sepultura de Damião de Goes. — Palacio da infanta D. Sappha, por ella concedido em 1220 aos frades franciscanos para fundarem o convento que se vê no mais alto da villa. Foi o primeiro d'esta ordem em Portugal. Suppõe-se que aquelles paços já existiam no tempo dos godos, e que os arabes d'elles fizeram a residencia dos seus *alkaides*. — Lápida com inscripção nas escadas de uma travessa que sobe para a fonte da Triana. — N'um cippo que estava na *Horta d'El-Rei* havia tambem uma inscripção romana. — A E. da villa, no cimo de uma ingreme vereda e ao lado do antiquissimo bairro da Judiaria, estão as casas de Damião de Goes, em que se conserva inalteravel a primitiva construcção. — Sepulturas com inscripções em portuguez na igreja da Misericordia. Esta e o hospital foram fundados por D. João III em 1527. — Hospital e capella do Espirito Santo, fundados pela rainha Santa Izabel. — Veja-se: a obra de Guilherme João Carlos Henriques — *Alemquer e o seu concelho; As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Archivo historico*, vol. 1.

**Alfaiates** ou **Alfayates** — villa, conc. de Villar Maior. — Castello e atalaia em ruínas. — Padrão romano com inscripção.

**Alfandega da Fé e Castello** — villa e conce-

lho. — Restos de um antigo castello. — *Archivo historico*, vol. 1.

**Alfarella de Jalles** — villa, conc. de Villa Pouca d'Aguiar. — *Penedo d'Alfarella*, de fôrma espherica; parece que é uma anta celtica. — Em junho de 1721 encontrou-se no sitio do *Gestal*, proximo ao logar de Moreira, uma lapida com inscripção romana. — Abaixo do logar de Cidadêlhe, no alto de um monte sobranceiro ao rio Tinhella, estão as ruínas de um castello que se suppõe do tempo dos romanos.

**Alfaião** ou **Alfayão** — freg., conc. de Bragança. — No alto da *Veiga* teem apparecido armas antigas; fosso e contrafosso de castello romano, abertos na rocha. — Estacada de lousas no vertice do monte.

**Alfeizirão** — villa, conc. de S. Martinho do Porto. — Castello arabe, arruinado. — Vestigios de construcções romanas (?) no sitio da *Ramalheira*.

**Alfena** — freg., conc. de Vallongo. — Vestigios de fortificações antigas e de explorações mineiras feitas no tempo dos romanos ou dos arabes. A igreja é a mais antiga da Maia.

**Alferce** — freg., conc. de Monchique. — Ruínas de um castello romano ou arabe, em cujo recinto houve grandes edificios.

**Alfundão** — villa, conc. de Ferreira. — Albergaria antiquissima, ignorando-se a data da sua fundação. — Na igreja de Santa Margarida do Sado, que foi um celebre templo romano da deusa *Fortuna*, appareceram dois cippos com inscripções.

**Algares** (serra dos) — perto de Grandola. — Ruínas de uma fortaleza chamada *Castello Velho*. — Galerias e poços feitos pelos romanos e arabes para mineração de prata e ferro. — No *Outeiro Fendido* teem apparecido moedas de ouro e prata, romanas.

**Algodres** — villa, conc. de Almendra. — Ruínas de uma atalaia e de um reducto.

**Algos** ou **Algoz** — freg., conc. de Silves. — Vestigios de grossas muralhas e outros edificios, portas, pedra lavrada, etc. — A 100 kilom. da aldeia, n'um praso chamado da *Amoreira*, encontram-se sepulturas, alicerces e cinzas. — Teem aqui apparecido varias moedas de prata muito antigas. — N'um sitio chamado *Guiné*, porque n'elle havia muitos escravos negros, pertencentes a um padre, existem restos de um grande edificio.

**Algoz** — villa, conc. de Vimioso. — Ruínas de um castello romano ou arabe, junto á capella da Senhora da Assumpção do Castello. — Misericordia fundada em 1593 por D. Antonio Pinheiro, bispo de Miranda.

**Alguiber** — freg., conc. do Cadaval. — Igreja fundada em 1594 por Gião Fialho, capitão mór de Ceuta.

**Alhandra** — villa, conc. de Villa Franca. — Igreja matriz fundada em 1558 pelo cardeal D. Henrique. — Misericordia fundada em 1577. — Capella de N. Sr.<sup>a</sup> da Ajuda, em que ha uma sepultura com inscripção da era de 1523. — Convento do Sobral, de frades capuchos da provincia da Arrabida, fundado em 1635.

**Alheira** — freg., conc. de Barcellos. — No alto do monte de *Lousado* (antigamente *Louvido*), vêem-se vestigios de muralhas, ruas e alicerces de casas. Parece que foi cidade romana, ou mourisca.

**Alhos Vedros** — villa e concelho. — Misericordia fundada no seculo XVIII. Convento de frades arrabidos em *Palhares*; outro em *Verderena*.

- Alimonde** — freg., conc. de Bragança. — No sítio da *Terronha* vêem-se vestígios de um castello antigo e perto d'elles outras ruínas, que parecem de uma atalaia. Diz-se que foi fortaleza mourisca.
- Aljezur** — villa e concelho. — Ruínas de castello arabe, octogonal, com duas torres. — Sepulturas, talvez celticas e arabes, na herdade da *Côrte Cabreira*, no sítio das *Ferrarias* e no da *Arregata*. — Na costa, em um ponto sobranceiro ao mar, vêem-se as ruínas de uma grande povoação, cujas ruas ainda se distinguem. — Misericórdia fundada no principio do seculo xvi. — *Antiquidades monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*, por Sebastião Philippes Martins Estacio da Veiga (Lisboa, 1886-1891) — Referencias a outras localidades, incluindo algumas que não fazem parte d'aquella provincia. — *Archivo historico*, vol. i.
- Aljubarrota** — villa, conc. de Alcobaca. — Vestígios da antiquissima igreja de Santa Marinha. — No adro, sepulturas de epochas muito remotas. — Tem-se descoberto n'esta villa, e defronte do lugar de *Poços de Soão*, diferentes moedas romanas de prata. — No alto da serra o *arco da memoria* com uma inscripção latina. — Sobre a porta da casa da escola está um fac-simile da pá de forno com que Brites d'Almeida, por alcunha a Pisqueira, matou 7 castelhanos no dia da batalha de Aljubarrota. Allusiva a esse facto vê-se tambem por cima d'aquella porta uma inscripção latina. — Igreja matriz de S. Vicente: sepultura de D. Usanda, com inscripção; cruz de pau como as de Calatrava, tomada aos castelhanos em 1383; está na capella da pia baptismal. — *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nacionaes*.
- Aljustrel** — villa e concelho. — Restos de um castello toseco, antiquissimo, feito de terra batida. — *Archivo historico*, vol. i.
- Almada** — villa e concelho. — Real palacio e quinta do Alfeite. — Castello. — Torre Velha, denominada de S. Sebastião de Caparica, mandada construir por D. João II, cerca do anno 1490. — Igrejas de Santa Maria do Castello e de S. Thiago, muito antigas, reedificadas no reinado de D. João V. — Hospital de Santa Maria, instituido em 1480 pela infante D. Beatriz, mãe do rei D. Manuel. No seculo xvii ficaram pertencendo á Misericórdia da villa este hospital e a sua ermida. — Ruínas do convento de frades de S. Domingos, fundado em 1639 por Fr. Francisco Forciro, confessor de D. João III e D. Sebastião. — Veja-se: *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Archivo historico*, vol. i.
- Almançor** (serra de) — Beira Baixa. — No alto da serra ha vestígios de fortificações antiquissimas; e para o lado de Trancoso ainda existe uma atalaia, a que o povo dá o nome de *Facho*.
- Almeida** — villa e concelho. — Vestígios de construccões arabes (?) em *Pedregais (Enchido da Sarça)*. — Fortificações antigas. — Misericórdia e hospital fundados em 1680 á custa do povo e com esmolas da rainha D. Catharina, viuva de Carlos II de Inglaterra, filha de D. João IV de Portugal.
- Almeirim** — villa e concelho. — Têm aqui apparecido marcos milliaros dedicados ao imperador Trajano. — Misericórdia e hospital fundados por D. João III em 1530. — Convento da Senhora da Serra, de frades de S. Domingos, fundado por D. Manuel em 1520. — *Archivo historico*, vol. i.
- Almendra** — villa e concelho. — Fortaleza em ruínas, de 1660. — No cabeço do *Calábrc* vêem-se os restos de uma grande praça e forte muralha dos romanos. — *Forte Grande*, construida pelos mouros (?)
- Almodovar** — villa e concelho. — Ruínas de um castello. — Em 1799 appareceram na herdade da *Horta das Moutas*, freg. de Santa Cruz d'este concelho, muitas medalhas romanas e arabes; offerecidas em 1800 á Academia Real das Sciencias de Lisboa. — Igreja matriz, um dos melhores templos do Alentejo. — Convento de frades franciscanos, fundado em 1680 por fr. José Evangelista, lente da Universidade. — *Archivo historico*, vol. i.
- Almoster** — freg., conc. de Santarem. — Convento de freiras bernardas, fundado em 1290.
- Almourol** (Castello de) — Sobre um ilheu ao meio do Tejo, proximo e na freguezia de Payo de Pelle, conc. da Barquinha. Era dos templarios. Tem 4 torres circulares. Sobre a porta da entrada, que é em ogiva e pequena, está uma inscripção quasi apagada. No centro da fortaleza acha-se a torre de menagem, coroada de ameias, muitas ainda bem conservadas. — *Monumentos nacionaes* por Mendes Leal (1868). — *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*
- Alpalhão**, villa, conc. de Niza. — Castello em ruínas. Fôra construido em 1300 pelo rei D. Diniz.
- Alpedrinha** — villa, conc. do Fundão. — Tem-se achado, aqui e em *Carvalhal Redondo*, sepulturas com inscripções latinas; restos de columnas doriccas e toscanas, alicerces de casas, canos de chumbo e de pedra, etc. — No *Valle da Torre* descobriram-se em dezembro de 1849 muitas moedas romanas, de prata e cobre prateado, e algumas de Sertorio; e proximo á villa appareceu em 1868 uma moeda de cobre romana com effigies e legendas. — No meio da villa ha uma profunda cova, tapada com uma lousa, em que se lê a inscripção *Guarte d'aqui!* — Chafariz em estylo dorio, mandado fazer por D. João V e principiado em 1722. — Veja-se: *Breve descripção topographica da villa de Alpedrinha*, por José Gaspar de Oliveira Rollão (1814); e *Apontamentos para a historia do concelho do Fundão*, pelo sr. José Germano da Cunha.
- Alpendurada** ou **Pendurada** — villa, conc. de Marco de Canavezes. — Grande convento de beneditinos, fundado em 1062. — Diferentes inscripções em portuguez. — Vestígios de fortificações romanas ou arabes no cimo do monte *Arados*, e ruínas de uma fortaleza antiga na margem esquerda do rio Douro.
- Alpiarça** ou **Alpiaça** — freg., conc. do Almeirim. — Teem aqui apparecido marcos milliaros dedicados ao imperador Trajano.
- Alter do Chão** (e Reguengo) — villa e concelho. — Castello do tempo de D. Pedro I, em 1339, com uma inscripção sobre a porta. — Vestígios de um grande edificio no sítio chamado *Casa da Avelada*. — Quatro torres de cantaria, sendo tres ameiadas, uma com 44 metros de altura e outra com 22, outra com 13 e outra, sobre a ponte, com 18. — Nas excavações feitas n'esta villa teem apparecido medalhas, mosaicos, cippos, esculpturas e estatuas de marmore. No seculo xvi achou-se alli uma esculptura de Cupido com aljava e settas. — No meado do seculo xvii ainda aqui existiam as ruínas de um templo, com o pavimento de mo-

saico, que parece fôra dedicado a Cupido.» — Misericórdia fundada em 1524 pela rainha D. Leonor. — Convento de carmelitas descalços (marianhos) fundado em 1595 com as rendas da antiga confraria do Espirito Santo. — Veja-se: *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Archivo historico*, vol. 1; *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*

**Alter Pedroso** — villa, conc. de Alter do Chão. Lápida que está na capella de S. Pedro. — Ruínas de um castello com suas torres e muralhas. — *Archivo historico*, vol. 1, pag. 47.

**Alva, Alba ou Albula** — rio, Beira Baixa. — No sitio dos *Furados* ha um aqueducto subterraneo feito pelos arabes, e em Valle de Espinho uma ponte notavel pela sua architectura. — Junto á ponte de *Murcella* e n'outros pontos das margens d'este rio ha vestigios de exploração de minas de ouro pelos romanos e pelos arabes.

**Alva** — aldeia, conc. de Freixo d'Espada á Cinta. — Castello em ruínas.

**Alvaizere** — villa e concelho. — Ruínas de um castello. — Vestigios de fortificações mouriscas no cimo da serra dos Covões. — Gruta do *Algar da Agua* e ainda outra que lhe fica inferior. — *Archivo historico*, vol. 1.

**Alvalade** — villa, conc. de Aljustrel. — Misericórdia e hospital fundados pelo povo da villa em 1570.

**Alvarães** — freg., conc. de Vianna. — Ruínas de uma antiga torre chamada dos *Silveiras*. — Estrada subterranea feita pelos mouros (?) perto da lagoa do *Pulho*. — Igreja matriz feita em 1450, junto a uma capella de Santa Maria Magdalena.

**Alvaredes ou Alvaredos** — freg., conc. de Vinhaes. — Vestigios de povoação arabe no monte da Picota. — Gruta. — A antiga matriz era em *S. João Velho*; a nova igreja foi concluida em 1733.

**Alvaredo** — freg., conc. de Melgaço. — Duas torres, uma com o nome de *Villar* e outra sem denominação.

**Alvarelhos e Lama d'Ouriço** — freg., conc. de Monforte. — Nas proximidades ha um fortim arruinado, a que chamam a *Coróa*.

**Alvarenga** — villa, conc. de Arouca. — Ponte de Alvarenga sobre o rio Paiva, feita no tempo do imperador Trajano, cerca do anno 110 de J. C. — *Archivo historico*, vol. 1, pag. 158.

**Alvaro** — villa, conc. de Oleiros. — Misericórdia e hospital fundados em 1500 por Bartholomeu Gomes Curado e suas irmãs.

**Alvega** — freg., conc. de Abrantes. — Ruínas de uma cidade: alicerces de sumptuosas casas e sepulturas, aqueductos, galerias subterraneas, com figuras e porticos de mosaico. — N'uma ribeira proxima achou-se em 1659 uma lamina de bronze, com uma inscripção latina, datada de *Aritio*. — Sanctuario de N. Sr.<sup>a</sup> da Guia: ermida de fôrma redonda; boa architectura. — Sanctuario de N. Sr.<sup>a</sup> dos Remedios, com azulejos interiormente — Capella de Santo Antonio, ao pé do Tejo; foi a primitiva matriz. — *Archivo historico*, vol. 1, pag. 6.

**Alvellos** — freg., conc. de Barcellos. — Convento de freiras bantas, muito antigo, que foi suprimido em 1480 pelo arcebispo de Braga, passando as rendas para a mitra.

**Alverca e Sobral** — villa, conc. de Villa Franca. — Ponte de dois arcos, junto ao ribeiro da Sil-

veira, mandada construir por D. Pedro II, cerca do anno de 1680. — Misericórdia e hospital fundados em 1583 por uma senhora madeirense, viuva de Vasco Martins. — Conventos: de carmelitas calçados; e de capuchos, de Santo Antonio. — *Antiguidades do moderno concelho de Villa Franca de Xira* pelo sr. Lino de Macedo (Villa Franca, 1893). — *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*

**Alvito** — villa e concelho. — Castello com 5 torres, do tempo de D. João II, em cuja porta principal está uma lapida com uma inscripção. A torre de menagem, que é de cantaria, não chegou a concluir-se. — Nas excavações feitas em 1743 acharam-se diferentes cippos com inscripções e um tumulo com um esqueleto. — Conventos: de frades franciscanos, primitivamente de beneditinos, fundado em 900; e de frades trinos, em 1182. — Capella de S. Romão edificada em 1262. — Jazigo dos condes-barões na igreja matriz. — Igreja de Santo Antonio. — Veja-se: *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Archivo historico*, vol. 1; *Monum. de Portugal, hist., artist. e archeol.*, por Vilhena Barbosa; *Relatorio ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*

**Alvito** (S. Martinho de) — freg., conc. de Barcellos. — Ruínas de uma torre.

**Alvor** — villa, conc. de Villa Nova de Portimão. — A igreja matriz tem muitas campas com inscripções antigas. — Castello arruinado. — Vestigios de uma grande fortaleza, em cujo sitio se encontram pedras lavradas, etc. — Torre do *Facho*.

**Alvorinha ou Alvorninha** — villa, conc. das Caldas da Rainha. — Fundação da Misericórdia e do hospital em 1605. — Antiga capella do Espirito Santo.

(Continúa)

## CORRESPONDENCIA

*Ex.<sup>mo</sup> sr. director.* — Em o n.º 2 do excellente *Boletim da Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes*, deu v. ex.<sup>a</sup> publicidade a um interessante documento de que eu lhe enviára copia, — uma carta de Lourenço Fernandes a pessoa cujo nome se ignora (talvez o secretario de D. Manuel, Antonio Carneiro), mostrando-lhe a necessidade de em Restello Velho ser levantada uma torre, e pedindo-lhe intercedesse junto d'el-rei, para que este o incumbisse da obra.

Por absoluta falta de tempo, não acompanhei esse documento (que pertence á collecção denominada *Cartas missivas*, da Torre do Tombo), com algumas noticias ácerca de Lourenço Fernandes. Permitta-me v. ex.<sup>a</sup> que o faça agora.

Por carta passada em janeiro de 1504, — carta que se perdeu, e foi substituida pela de 24 de janeiro de 1513, registada a fl. 36 v. do livro 42.º da chancellaria de D. Manuel, — foi Lourenço Fernandes nomeado, com vinte mil réis de mantimento por anno, recebedor da vintena dos portos, destinada por aquelle monarcha para as obras do convento de Belem.

E' decerto n'essa qualidade que elle figura n'um mandado de 12 de novembro de 1511, pelo qual o

venturoso príncipe ordena se entreguem a Lourenço Fernandes, da pimenta que pertence ao convento de Belem, cincoenta quintaes, para despeza das obras. No mandado, está o recibo. Vê-se, pelo confronto das assignaturas, que a pessoa a quem esse documento se refere, é a que sub creve a carta n'este *Boletim* publicada.

No mandado, — note-se, — não ha uma só palavra de que possa deprehender-se que Lourenço Fernandes tinha o cargo de mestre das obras do sumptuoso mosteiro; mas, no principio d'este seculo, o redactor do catalogo da collecção em que esse documento está incorporado, acrescentou (ignoro com que fundamento), ao nome de Lourenço Fernandes, a qualidade de *mestre das obras do convento de Belem*. Foi provavelmente por isso que, por indicação do visconde de Juromenha, o conde de Raczynski incluiu Lourenço Fernandes no seu *Dictionnaire historique-artistique du Portugal*, como *architecte, maître des travaux du monastère de Belem*.

Ha na Torre do Tombo diversos documentos da epocha, nos quaes esse nome nos apparece; e alguns referem-se evidentemente ao Lourenço Fernandes de quem me occupo. De nenhum se póde, porém, concluir que o nosso homem fosse, ou tivesse sido, mestre das obras do formoso edificio manuelino.

Varnhagen, citando, na sua *Noticia historica e descriptiva do mosteiro de Belem* (pag. 3), o mandado a que já me referi, diz que Lourenço Fernandes era, *naturalmente*, quem inspecionava as obras. As cartas que citei, de 1504 a 1513, são, porém, decisivas: não é na qualidade de mestre, nem na de védor, das obras, mas como recebedor das rendas que D. Manuel lhes destinára, que Lourenço Fernandes figura n'esse documento.

Eu não hesitaria, pois, em riscar este nome da lista dos nossos architectos, se não fosse a carta a que v. ex.<sup>a</sup> deu publicidade em o numero anterior. N'ella pede Lourenço Fernandes que o prefiram a um architecto, — mestre Boytaca, — para se encarregar da construcção da torre que D. Manuel queria levantar em Restello, no ponto em que D. João II *«tinha ordenado de fazer uma forte fortaleza»* — como diz o chronista, poeta e *debuxador* Garcia de Resende, a quem o príncipe perfeito incumbira do *debuxo* d'ella. Ora, é de crer que Lourenço Fernandes não pedisse que o preferissem ao architecto Boytaca, se não fosse igualmente da profissão.

E', porém, de suppôr que, ao tempo em que escreveu a curiosa missiva aqui publicada, não estivesse exercendo o seu mister, mas um cargo burocratico (digamos assim), visto como declara que o seu servir eram sempre *informações e cartas*.

Confesso que não posso elucidar este obscuro ponto. Ah! ficam, no entanto, com as minhas duvidas e hesitações, algumas noticias documentadas ácerca de Lourenço Fernandes, — personalidade que, em todo o caso, está ligada á historia do monumento commemorativo da nossa ephemera grandeza e das nossas impereciveis glorias, e ainda, em certo modo, á d'essa encantadora torre de Belem, que, destinada a evitar affrontas, tão deploravelmente affrontada se vê agora!

Lisboa, 12 de junho de 1893.

JOSÉ PESSANHA.

## EXTRACTOS DAS ACTAS

SESSÃO DE 21 DE JANEIRO DE 1894

*Commissão de contas.* Officio e relatorio da commissão de contas.

Voto de louvor ao sr. thesoureiro Ernesto da Silva; voto de agradecimento á ex.<sup>ma</sup> commissão.

*Bibliotheca.* Leu-se o relatorio do sr. visconde da Torre da Murta sobre a bibliotheca, e seu catalogo.

*Academia Real das Sciencias.* Convite para uma sessão solemne.

*Commissão do centenario do infante D. Henrique.* Convida a nossa Associação a adherir a tão patriótica festa.

*Gremio Artistico.* Officio da direcção a respeito dos monumentos nacionaes, e da protecção que é urgente prestar-lhes.

*Retrato de D. Pedro II, ex-imperador do Brazil.* O sr. presidente mostrando o retrato, pintado a oleo em tela, do fallecido imperador, expoz em sentidas palavras quanto o illustrado monarcha fôra amavel para esta Associação. A assembléa notou a fidelidade da pintura, que reproduz bellissimamente a clara e bondosa physionomia do imperador. O sr. presidente annunciou que este retrato fôra pintado pelo bem conhecido pintor-retratista, sr. Felix da Costa, que se prestára gratuitamente a este trabalho. Por unanimidade se votou um agradecimento ao distincto e dedicado pintor, nosso consocio.

*Edificio do Carmo.* Fizeram-se algumas observações sobre o estado das abobadas da parte coberta do edificio. As aguas pluvias estão infiltrando as abobadas, o forro está inutilisado, ameaçando assim uma ruina cada vez maior. Resolveu-se officiar ao Ministerio das Obras Publicas.

*Cesar Daly.* O sr. presidente participou o fallecimento de mr. Cesar Daly, architecto (m. em Paris a 11 de janeiro de 1894).

*Livros.* O sr. Rocha Dias propoz a compra para a Bibliotheca da Associação dos livros *A vida de Nun'Alvares*, do sr. Oliveira Martins, e a *Ribeira de Lisboa*, pelo sr. visconde de Castilho, dois trabalhos notabilissimos.

*Socio effectivo.* Foi eleito socio effectivo o sr. Herculano Sarmiento de Beja.

*Museu municipal de Beja.* A assembléa deu um voto de louvor á Camara municipal de Beja pelo zelo e intelligencia com que tem organizado o seu museu de archeologia, já notavel.

*Emilio Hübner.* Voto de louvor e agradecimento ao sr. dr. Emilio Hübner, de Berlim, pela publicação do seu novo trabalho, obra monumental e que faz época, *Monumenta linguae ibericae*.

*Estudos archeologicos.* O secretario P. referiu-se

aos trabalhos do sr. A. Haupt, de Hannover; á organização da secção de cerâmica portugueza e hespanhola no Museu das Bellas-Artes (Janellas Verdes), trabalho do digno conservador, sr. Manuel de Macedo; ás novas installações feitas no historico edificio de Xabregas; á parte notavel que Portugal teve nas exposições ultimas, hespanholas, na celebração do centenario Colombino; á reconstituição da commissão dos Monumentos Nacionaes; á criação do museu de ethnographia, etc., o que tudo revela que ha tendencia bem marcada para progredir nos estudos archeologicos; o que é altamente agradavel á Associação, primeira e perseverante batalhadora n'estes campos de paz e trabalho.

SESSÃO DE 19 DE MARÇO DE 1894

*Museu municipal de Beja.* Officio do sr. Doria, presidente da camara municipal de Beja, remetendo copia da acta da sessão de 15 de fevereiro ultimo, sobre o louvor dado pela Real Associação.

*Antiquidades prehistoricas do Brazil.* O socio correspondente sr. José da Nova Monteiro, foi encarregado pelo sr. Cesar Ribeiro de Cerqueira, tambem nosso socio correspondente, de entregar á Real Associação dois machados e uma lança de pedra encontrados na provincia da Bahia, e tambem um peixe petrificado da mesma localidade. Os dois machados e a lança são de pedra polida. O machado menor (comprimento 0<sup>m</sup>,05, largura 0<sup>m</sup>,03, espessura 0<sup>m</sup>,01) está inteiro, gume e ponta gastos pelo uso, e offerece de particular que nas suas curvas lateraes ha differença intencional, sendo uma curva muito mais pronunciada que a outra. A rocha parece amphibole mui rija, esbranquiçada para o gume, esverdeada para a ponta. Como se acha muito polida a curva mais pronunciada, parece que este pequeno instrumento de pedra teve tres usos: gume, ponta e curva de polimento. O outro instrumento tem em uma das faces signaes de repetidas pancadas. A lança tem a ponta quebrada; completa teria 0<sup>m</sup>,12 de comprimento; rocha verde escura, talvez diorite. A assembléa prestou a devida consideração a estas antiquidades brasileiras.

*Epoca chelleana.* Foi presente um trabalho recente do sr. Cardoso sobre instrumentos chelleanos.

*Sousa Viterbo.* Foi eleito socio honorario, em attenção aos muitos serviços que pelos seus estudos e publicações tem prestado á historia da arte e á archeologia nacional.

*Edificio do Carmo.* Resolveu-se pedir novamente para que sejam reparadas, exteriormente, as abobadas das capellas.

*Tumulo de D. Nuno Alvares Pereira.* Pediu-se ao sr. socio Valentim Corrêa para que escrevesse uma noticia sobre o tumulo de Nuno Alvares, e da

remoção do cofre com os ossos para S. Vicente de Fóra.

*Centenario da India.* O sr. socio Cavalleiro e Sousa lembrou o centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India. Assentou-se em ampliar a commissão, ficando composta pelos socios srs. conde de S. Januario, viscondes da Torre da Murta e de Alemquer, Cavalleiro e Sousa, e Gabriel Pereira.

*Edificio dos Jeronymos.* O socio sr. Cunha Porto pediu para que se instasse pelo acabamento dos Jeronymos, urgentissimo pela grande significação d'esse monumento, agora que se trata de celebrar o centenario da partida de Vasco da Gama, e ainda por estar em sitio que logo dá nas vistas aquella extraordinaria ruina da fachada da galeria.

SESSÃO DE 7 DE MAIO DE 1894

*Dr. Sousa Viterbo.* Agradeceu a sua eleição.

*Joaquim José Lapa,* general. Em officio agradeceu a sua eleição.

*Centenario da India.* — O secretario participou estar constituida a commissão. Presidente, conde de S. Januario; vice-presidente, visconde de Alemquer; secretario, visconde da Torre da Murta.

*Congresso archeologico de França, reunido na Rochelle.* Presente o convite e programma; resolveu-se que a Real Associação fosse subscriptora.

*Cardoso, socio correspondente.* Em attenção aos seus estudos de prehistoria, especialmente do periodo chelleano.

*Cofre da quinta de Queluz.* O sr. Maldonado fallou a respeito do cofre achado casualmente em terras da quinta de Queluz, que parece ser muito antigo.

*Alemquer, mosaicos romanos.* O sr. Cavalleiro e Sousa deu noticia do achado recente de alguns mosaicos que julga serem romanos, nas proximidades de Alemquer.

SESSÃO DE 28 DE MAIO DE 1894

*Caravella do seculo xv.* Leu-se uma interessante comunicação do socio sr. Eugenio Dognée, participando haver encontrado na bibliotheca publica de Liège um manuscripto de Khalaf Abul Cassen contendo o desenho de uma caravella, feito á vista do original, por um artista do seculo xv. Deliberou-se enviar copia da comunicação á commissão da estatua do infante D. Henrique, pondo á disposição da mesma para exame a photographia do desenho da caravella. (Esta photographia, emmoldurada, está patente na sala das sessões).

*Azulejos e lapida, ao convento do Salvador, em Lisboa.* Leu-se uma comunicação do socio, mon-

senhor Elviro dos Santos, dando noticia de alguns azulejos antigos, e de uma lapida com letreiro, regulando o transito de coches, ao Salvador, azulejos e lapida que podiam ser adquiridos para o museu archeologico. Os socios Maldonado e Sousa Viterbo não acceitaram a idéa de se tirar a lapida do local onde está, por entenderem que todos os monumentos historicos devem conservar-se onde foram collocados, não havendo risco de ruina ou extravio. Os srs. Maldonado, Costa Goodolphim e Cavalleiro e Sousa, ficaram encarregados de examinar os azulejos.

*Biographia do sr. Possidonio da Silva.* O sr. Costa Goodolphim participou ter prompta a biographia do sr. presidente Possidonio da Silva. Por proposta do sr. Rocha Dias resolveu-se que a biographia fosse acompanhada do retrato do biographado.

*Centenario da India.* Por proposta do sr. presidente Valentim Corrêa, resolveu-se que a commissão do centenario escolhesse tres dos seus membros para a grande reunião da Sociedade de Geographia.

*Vidraes:* fabrica nacional. Resolveu-se tomar em consideração a recommendação de monsenhor Elviro dos Santos, relativa á fabrica nacional de vidraes.

SESSÃO DE 17 DE JUNHO DE 1894

Sessão solemne destinada á leitura da biographia do nosso respeitavel e sabio presidente, fundador da Associação, ex.<sup>mo</sup> sr. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva.

Foi aberta a sessão ás 2 da tarde, estando presentes o sr. Valentim José Corrêa, vice-presidente; o secretario, sr. Gabriel Pereira; sr. Ernesto da Silva, thesoureiro; e os srs. Licinio da Silva, Sousa Telles, Rocha Dias, Costa Goodolphim, Antonio Joaquim de Oliveira, Sousa Viterbo, Costa Oliveira, Ascensão Valdez, Cavalleiro e Sousa, Pamplona, Guilherme de Sousa, Francisco José de Almeida, Chrysostomo Mackonelt, algumas damas das familias dos socios, etc.

O sr. Costa Goodolphim leu o seu bello trabalho, muito notavel no seu lavor litterario, cheio de factos, de noticias, de conceitos justos, relatando a longa carreira do nosso presidente.

A biographia do sr. Possidonio da Silva considera esta notavel actividade no triplice ponto de vista de architecto, archeologo e de philanthropo. O biographo segue o architecto na sua carreira artistica, nos seus trabalhos; o archeologo nas suas investigações e descobrimentos, na fundação da

Real Associação e do Museu do Carmo, no seu *Boletim* e outras publicações; o philanthropo, o benemerito da sociedade em geral, no brilhante papel que teve na fundação do Albergue dos Invalidos do Trabalho, instituição fundada em homenagem á memoria d'el-rei D. Pedro V, albergue que felizmente tem progredido amparado e ampliado pela iniciativa particular.

Ao terminar a leitura da biographia o auditorio rompeu n'uma salva de palmas, espontanea e justa homenagem de consideração e respeito a quem tanto e tão desinteressadamente tem trabalhado, e tambem ao primoroso escripto do sr. Costa Goodolphim.

O sr. presidente entregou ao sr. Valentim Corrêa, vice-presidente da Associação, a medalha de honra, de prata, que lhe fôra votada como justa homenagem aos seus muitos serviços e superior merito artistico. A assembléa applaudiu unanimemente as palavras de louvor que o sr. Possidonio n'esta ocasião dirigiu ao sr. Valentim Corrêa, distincto architecto, um dos nossos gloriosos veteranos.

Esta solemne sessão, em que se agradeceram publicamente os muitos e honestos serviços dos dois architectos, foi altamente sympathica e significativa na sua singeleza classica.

Aos socios e demais cavalheiros presentes foi distribuida a biographia.

SESSÃO DE 6 DE AGOSTO DE 1894

*Museu archeologico lapidar Infante D. Henrique, em Faro.* Leu-se uma communicação de monsenhor conego Pereira Botto, participando a proxima inauguração d'este museu. Foi ouvida com prazer de todos esta communicação, resolvendo-se officiar felicitando.

*Museu archeologico de Nova Goa.* Noticia da installação d'este museu, por iniciativa de sr. governador geral da India. Resolveu-se officiar louvando e felicitando.

*Biographia do presidente Possidonio da Silva.* Leram-se officios nacionaes e estrangeiros, agradecendo. Em alguns dos officios ha phrases de justo elogio ao auctor da biographia.

*Charles Lucas.* Foi designado para representar a Real Associação na inauguração do monumento a Quatrefages.

(Continúa)

**ASSIGNATURA.** = Anno, 4 numeros, 600 réis. — Ultramar e estrangeiro, accresce a franquia do correio. — Numero avulso, 200 réis.